

Estado articula escolarização dos waraos que vivem na PB

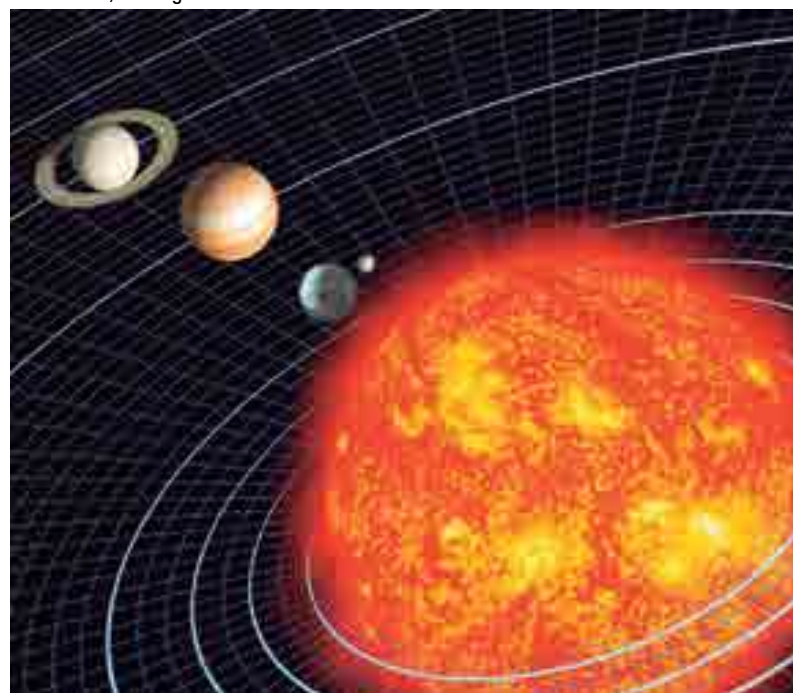
Meta para 2021 é que 230 venezuelanos recebam aulas de matemática, português e da própria cultura indígena. [Página 7](#)

Foto: Manodecarvalho/Secom-PB



Por já ter 11 escolas onde indígenas coordenam e ensinam, a PB possui expertise considerada necessária para programa de letramento e manutenção da cultura dos povos waraos

Foto: NASA/Montagem



No céu Terra, Júpiter e Saturno estarão alinhados nesta segunda-feira, um fenômeno astronômico que só voltará a ser visto em 15 de março de 2080. [Página 3](#)

Esportes



Foto: Divulgação

Feito histórico Apesar da pandemia, Grêmio Vila Olímpica Parahyba encerra a temporada 2020 com 23 atletas entre os melhores do país. [Página 12](#)

Entrevista

Foto: Arquivo pessoal



Crianças carentes Irmã Célia fala sobre os desafios que a pandemia trouxe para a Pastoral da Criança. [Página 4](#)

Diversidade

Parques são fundamentais na conservação da biodiversidade

Paraíba possui seis parques estaduais protegidos por lei que, além de gerarem recursos naturais, também promovem bem-estar à sociedade. [Páginas 13 e 14](#)

Cultura

Foto: Divulgação



Erudito Alunos do Prima celebram a música de Sivuca (foto), José Siqueira e Beethoven em concerto, hoje. [Página 9](#)

Arte: Tonio

Almanaque



Luzia Bartolini Primeira regente da Sinfônica da Paraíba foi uma mulher à frente do seu tempo. [Página 17](#)

Colunas

/// Ao longo de nossa existência vamos conhecendo verdades que nos foram ensinadas por erros cometidos. Aí está a essência da lei do tempo. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// O dia de natal é uma invenção católica. A partir de 17 de dezembro, os romanos comemoravam as saturnais, com banquetes e trocas de presentes. No dia 25, celebravam o nascimento do Sol Invicto. [Página 10](#)

Estevam Dedalus

/// Desde cedo cultivei o hábito de ler vários volumes ao mesmo tempo, numa espécie de leitura que denomino, não diria polígama, mas, de circular. [Página 11](#)

Hildegardo Barbosa Filho

Pensar



Intolerância Em uma sociedade cada vez mais dividida, muita gente não faz questão de esconder a aversão pelo que difere da sua realidade e dissemina violência, preconceito, xenofobia, racismo. [Páginas 21 a 24](#)



Editorial

Cabeças

Os agentes públicos dos órgãos de segurança e de proteção ao meio ambiente são geralmente os personagens escalados pelos meios de comunicação para se pronunciarem nas reportagens sobre poluição sonora. E as duas principais fontes poluidoras são por demais conhecidas, no caso da cidade de João Pessoa, por exemplo: motos com escapes adulterados e os chamados “paredões” - equipamentos de alta potência sonora, instalados em automóveis.

Seria interessante ouvir com mais atenção e assiduidade alguns especialistas das áreas de saúde e sociologia, por exemplo. Um psicólogo poderia traduzir para os comuns dos mortais o que passa pela cabeça de uma pessoa que circula pela cidade, não importa se de dia ou de madrugada, pilotando uma motocicleta cujo escape imita disparos de bazuca. Que tipo de carência tem ou qual o gênero de prazer que ela sente fazendo isso?

Um sociólogo talvez apontasse outra origem para o que parece ser uma manifestação de desprezo pelo sossego público. Seriam “ressentidos sociais” os pilotos dessas máquinas selvagens, que tanto incômodo causam à população, tendo em vista o mal-estar que causam, principalmente aos idosos e recém-nascidos e aos pacientes de clínicas e hospitais? Sim, porque não há critério quando detonam o escape, pode ser a qualquer hora ou lugar.

Se for “ressentimento social”, a questão merece ser melhor avaliada. Não são apenas jovens e adultos pobres que pilotam motocicletas com escapes criminosamente desregulados. Existem máquinas sofisticadíssimas, com condutores vestidos e equipados com peças caríssimas, que também fazem um barulho infernal. Portanto, as desigualdades sociais talvez não expliquem nem justifiquem essa espécie de tara que só a zoadia sacia.

Será que esses pilotos imaginam-se super-heróis e que as pessoas intimamente os aplaudem e invejam? É uma possibilidade. O caso dos “paredões” também merece análise mais acurada. Que necessidade move uma pessoa que liga o som nas alturas em plena via pública, geralmente com músicas de qualidade duvidável, como se o mundo inteiro estivesse irmanado naquela ilusão? É preciso ter novas respostas para esses velhos problemas.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A passar pelo tempo

Em Eclesiastes, no Livro da Sabedoria, encontramos “Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo para cada propósito debaixo do céu”. Esse ensinamento define bem a Lei do Tempo. No mistério do tempo está o mistério da vida. O tempo não passa, você é que passa por ele.

Sem querer compreender bem a inalterabilidade da lei do tempo, costumamos ficar ansiosos por acontecimentos que desejamos, apressados em provocar mudanças na nossa vida, impacientes na espera do amanhã.

Todavia isso não representa dizer que devamos cruzar os braços e aguardarmos que a lei do tempo defina o nosso existir. Pelo contrário o decurso do tempo nos ensina, nos oferece experiências, nos conduz para o enfrentamento do dia a dia. O que precisamos ter é a consciência de que ele deve ser aproveitado na sua plenitude. Um tempo perdido não pode mais ser utilizado, é desperdício de vida. Importante é termos noção das oportunidades fazendo valer o entendimento de que “nada acontece por acaso”.

Ao longo de nossa existência vamos conhecendo verdades que nos foram ensinadas por erros cometidos. Aí está a essência da lei do tempo.

Ninguém se sentirá realizado o que faz se não valorizar os momentos que viva. Sejam eles quais forem, agradáveis ou penosos, festejados como vitórias ou lamentados como fracassos, eles indubitavelmente nos oferecem conhecimento da importância do existir. A vida é um presente de Deus que deve ser desfrutado como um bem precioso.

Hoje, não sei porque razão, acabei refletindo sobre isso e decidi compartilhar esse pensar com os que me dão o prazer de ler meus textos. Mas como nada acontece por acaso, estou procurando identificar a causa desse repentino despertar para a filosofia da vida. Será que Deus está me chamando a repensar minha passagem pelo Seu tempo?.

/// Ao longo de nossa existência vamos conhecendo verdades que nos foram ensinadas por erros cometidos. Aí está a essência da lei do tempo. ///

Foto: Pixabay



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaboradora

Chamou de careca e deu o pente

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia está levando a sério seu mandato. Disse à revista Valor Econômico que o presidente da República mentiu. Eu já havia lido e ouvido dizer muitas coisas sobre os presidentes da República e até sobre as primeiras-damas, mas eram pronunciamentos vagos, sem provas, que se perdiam na arenga da oposição.

Agora vem Rodrigo Maia e chama o presidente da República de mentiroso. Quando eu era menino fui repreendido em casa por ter chamado outrem de mentiroso. Era injúria grande, e lá em casa não se admitia uma ofensa desse jaez contra quem quer que fosse. Aprendi a lição e nunca chamei nenhum chefe de estado de mentiroso, fosse do Brasil ou de alhures.

Em tempo:
- Onde fica alhures, Dilermando?

- Depois de Alhandra, governador. (Dilermando era o chefe da Casa Civil, e sabia que a pessoa procurada estava a poucos metros de Palácio, degustando uma cerveja no Pavilhão do Chá na tarde amanuense de Filipéia. Mas não seria ele que iria entregar o colega e amigo. Já, caquético, Sua Excelência que procurasse outros informantes.)

/// Agora vem Rodrigo Maia e chama o presidente de mentiroso. ///

Aquele governo atendia a várias situações: era uma homenagem ao velho patriarca, e resolvia o impasse surgido com o declínio físico do referido patriarca, e a assunção do vice-governador à titularidade.

Foi um alvoroço político na Paraíba, com o vice-governador empossado no trono do Executivo, e a mudança das pessoas em todos os escalões. Uma situação que pode desaguar num estado de crise, diante das dissensões entre os poderes.

Foto: Evandro Pereira



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762



Buracos entre JP e CG aumentam o perigo de acidentes na BR-230

Motoristas relatam que risco cresce à noite, e PRF informou que problema é mais sério entre quilômetros 73 e 78

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Diariamente o motorista João do Nascimento faz o trajeto entre João Pessoa e Campina Grande, precisando se esquivar dos buracos da estrada. Assim como ele, os motoristas que passam por esse trajeto na BR-230 precisam lidar com o medo e tomar cuidados dobrados, não só com os buracos, mas também

com aqueles que, na tentativa de serem consertados, se tornaram ainda mais perigosos.

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal o trecho entre os quilômetros 73 e 78, localizados entre os municípios de Soledade e Riachão do Bacamarte. "A PRF tem registrado diversos auxílios a usuários com panes mecânicas ocasionadas pelos buracos na via".

Segundo a PRF, ocorre-

ram sete acidentes entre o quilômetro 70 e 78 da BR-230, em 2019, sendo um causado por buracos. Em 2020, até o número de acidentes totaliza sete, dois deles em decorrência dos buracos no local.

João Nascimento conta que passa pelos trechos com buracos com bastante dificuldade e medo. "Graças a Deus nunca sofri acidentes, porque tomo muito cuidado, vou bem devagar quando a buraqueira

começa. Mas não vou mentir que dá medo, até porque são quatro vidas que estou levando", disse.

Já o motorista Joselito Correia, que também faz o trajeto diariamente, seu maior receio é quando precisa viajar à noite. "Quando chega naquele trecho a gente já sabe que precisa ir mais devagar e prestar atenção. Mas o pior é a noite, porque é mais difícil de enxergar os buracos", comentou.

Dnit

De acordo com a Superintendência Regional do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) na Paraíba, ainda em dezembro foi aprovado um projeto de reconstrução dos segmentos entre o km 71 e 85.

"Com recursos alocados na LOA 2021, será iniciado o processo licitatório para contratação dessa obra. Em paralelo, para soluções mais

imediatas de tapa buracos e remendos profundos nesse mesmo segmento, o Dnit PB aprovou a Revisão de Projeto em Fase de Obras (RPFO) do Contrato de Crema que abrange o trecho, incluindo-se os serviços de manutenção do km 71 ao 85 da BR-230/PB. A expectativa de aprovação jurídica do Termo Aditivo do referido contrato e início dos serviços de tapa buracos é até o fim de janeiro", diz nota.

Alinhamento de planetas será visível amanhã

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Um dos eventos astronômicos mais importantes do ano acontecerá amanhã. Um alinhamento entre a Terra, Júpiter e Saturno, dando a impressão de proximidade, ao ponto dos dois planetas parecerem um único astro no céu. O fenômeno deve ficar visível entre as 18h e 19h30, dependendo das condições meteorológicas. A próxima vez que esse evento ocorrerá será em 15 de março de 2080. Devido à pandemia da covid-19, a Associação Paraibana de As-

tronomia não fará nenhum evento público de observação.

De acordo com o presidente da Associação Paraibana de Astronomia, Marcelo Zurita, esse alinhamento ocorre a cada 20 anos, mas apenas a cada 60 anos ele chega a ser quase perfeito. "No caso de Júpiter e Saturno, esse alinhamento ocorre a cada 20 anos, mas devido as diferenças em seus planos orbitais, a cada alinhamento, as distâncias aparentes entre eles variam, pois podem estar mais a sul ou mais a norte em relação ao plano orbital da Terra. Mas aproximadamente a cada

60 anos, o alinhamento entre Terra, Júpiter e Saturno é quase perfeito, o que proporciona uma conjunção mais próxima, como a que veremos", disse.

O especialista ressaltou que a proximidade é apenas aparente, pois os planetas, na verdade, estão a bilhões de quilômetros de distância um do outro. "Essa aproximação é apenas aparente para observadores aqui na Terra, porque os astros estão bem distantes uns dos outros. Na noite da conjunção, Júpiter estará 763 milhões de quilômetros da Terra e Saturno, a 1,5 bilhões de quilômetros".

O fenômeno é algo incommum e que acontece com um espaço de tempo de seis décadas devido aos diferentes lugares que os planetas ocupam no plano orbital do espaço. "Temos os planetas do sistema Solar or-

bitando em volta do Sol aproximadamente no mesmo plano. Mas na verdade há algumas pequenas diferenças entre um plano e outro. Se a gente colocar a órbita da Terra como sendo uma mesa, por exemplo, alguns planetas ora passam pouco acima ou pouco abaixo da mesa (lembrando que isso é apenas uma forma de dizer, porque no espaço não há em cima, embaixo). O que vai ocorrer agora no dia 21 é que os dois planetas estarão alinhados no momento aproximado em que cruzam o plano orbital da Terra. Assim ocorre um alinhamento quase

que perfeito entre Terra, Júpiter e Saturno", explicou.

A melhor visualização do evento será através de um telescópio. Onde será possível observar os anéis de Saturno e as luas de Júpiter no mesmo campo de visão. A olho nu, será como visualizar dois pontos brilhantes muito próximos um do outro. Apesar do fenômeno chegar ao seu auge apenas no próximo dia 21, já é possível observar a sua evolução. "Se olharmos hoje, por exemplo, logo após o pôr-do-sol, na direção oeste, possível ver que tem dois astros bastante brilhantes nessa direção".

Raro fenômeno astronômico poderá ser visto das 18 às 19h30, dependendo das condições meteorológicas.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE DA CÂMARA FEDERAL: APOIO DA ESQUERDA PODE BENEFICIAR AGUINALDO

O deputado federal Aguinaldo Ribeiro (foto), do Progressista, ainda não foi confirmado pelo grupo do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (Democratas), como candidato a presidente da casa, mas há quem assegure que ele tem mais chances de ser indicado do que Baleia Rossi (MDB), que também é cotado dentro do grupo. É que o parlamentar paraibano teria mais trânsito entre as diversas bancadas, inclusive de legendas de esquerda, do que o emedebista, fato este que lhe daria mais musculatura para articular apoios ao futuro candidato do grupo de Maia. Caso o favoritismo de Aguinaldo se confirme, haverá uma disputa atípica. É que ele irá concorrer com o seu correligionário, deputado Arthur Lira, que vem a ser o líder do Progressista na Câmara dos Deputados. Um fato pode ter favorecido Aguinaldo Ribeiro nesse processo: as bancadas do PT, PSB, PDT, PCdoB e Rede decidiram apoiar o grupo político de Rodrigo Maia na disputa para fazer frente a candidatura de Lira, que tem o apoio de Bolsonaro – o paraibano já foi ministro de Dilma Rousseff. O grupo divulgou nota justificando a composição: "Porque enquanto alguns buscam corromper e lutam para fechar nossas instituições, nós aqui lutamos para valorizá-las. Enquanto uns cultivam o sonho torpe do autoritarismo, nós fazemos a vigília da liberdade. Enquanto uns se encontram nas trevas, nós celebramos a Luz".



Foto: Divulgação

ENTRE VOTO E VACINAÇÃO

O governador João Azevêdo (Cidadania) fez analogia entre a obrigatoriedade das pessoas tomarem a vacina contra a covid-19 – como decidiu o STF – e a de votar em eleições: "Quem não quiser tomar, não vai tomar. O que ocorrerá é que quem não tomar poderá ser alvo de limitações como, por exemplo, assumir algum cargo [público]". Esta sanção já é prevista para quem tem pendência na Justiça eleitoral.

"ISSO VAI REFLETIR NAS URNAS"

Numa emissora de rádio, o deputado Eduardo Carneiro, presidente estadual do PRTB, foi indagado se o governador João Azevêdo deveria ser candidato à reeleição, em 2022. "Sem dúvida, vem fazendo um grande trabalho, com muito foco no combate à covid-19. Ele conseguiu arrumar a casa e isso vai refletir nas urnas 2022", argumentou.

RISCO À SAÚDE PÚBLICA

O Ministério Público da Paraíba e o Ministério Público Federal têm sido diligentes no que diz respeito a coibir eventos que gerem aglomerações e que portanto, representem risco à saúde pública, por conta da pandemia de covid-19. Fizeram recomendação nesse sentido às prefeituras de Imaculada, Água Branca, e Juru, no Sertão, e de Prata, Sumé e Monteiro, no Cariri.

BOLSONARO, O ANTÍPODA

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) continua se postando como um antípoda da ciência e, de modo irresponsável, detrata as vacinas contra a covid-19. Ao dizer que os imunizantes podem causar reações graves, gera insegurança e receio na população, desestimulando as pessoas a buscar a imunização.

VACINA, ARMAS, NÃO!

Coautor do Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 534/2020, que anula a resolução do Ministério da Economia para reduzir a zero o imposto de importação de pistolas e revólveres, o deputado federal Frei Anastácio (PT) justificou sua posição: "O Brasil está precisando de geração de emprego, comida para matar a fome do povo e vacina contra o coronavírus, não de armas".

VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA: VOTO DE MINISTRO FOI SINTOMÁTICO

É sintomático que o ministro Nunes Marques, do STF, foi o único que se mostrou contrário à obrigatoriedade da vacinação contra a covid-19. Ele foi indicado, recentemente, para integrar a corte suprema do país pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido). Assim como o presidente, ele já disse que não tomará nenhuma vacina.

Irmã Célia Apolinário,
Coordenadora da Pastoral da Criança da Arquidiocese da Paraíba

“A pandemia ‘bloqueou’ a nossa maior e principal ação”

Líder católica que atua junto às crianças carentes, Irmã Célia relata as dificuldades causadas pela covid e no combate à pobreza

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Com a missão de auxiliar no desenvolvimento de crianças, principalmente de baixa renda e de zero a seis anos de idade, a Pastoral da Criança existe desde o início da década de 1980. Prestando um serviço através da Igreja Católica, a pastoral atua na Paraíba em várias dioceses, entre elas está presente na Arquidiocese da Paraíba, a ArquIPB.

Em um ano difícil como 2020, com a pandemia e a necessidade de distanciamento social, muitos problemas sur-

giram e as desigualdades se acentuaram. Para conhecer mais sobre o trabalho da Pastoral da Criança e entender como ele se seguiu ao longo do ano, o jornal A União conversou com a coordenadora arquidiocesana da Pastoral da Criança na Paraíba, a irmã Célia Apolinário.

Durante a entrevista ela comentou sobre o surgimento da Pastoral, os trabalhos exercidos em João Pessoa e Região Metropolitana, além de fazer uma avaliação das ações durante o ano de 2020. Por fim, a coordenadora destacou quais as perspectivas para o próximo ano.



Foto: Arquivo pessoal

Irmã Célia destaca que a Pastoral da Criança precisa de mais voluntários e doações para manter ações.

A entrevista

O que é a Pastoral da Criança?

É um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Como surgiu?

Surgiu no ano de 1982, a partir de um diálogo do Diretor do Unicef, Sr. James Grant, com Dom Paulo Evaristo Arns (irmão de Dra. Zilda Arns) numa reunião sobre a Paz Mundial, na ONU. Estes conversavam sobre o alto índice de mortalidade infantil por doenças facilmente preveníveis e que a Igreja Católica teria grande potencial para contribuir e transformar essa dura e triste realidade. Assim, no ano seguinte, deu-se início ao Projeto Piloto da Pastoral da Criança na cidade de Florestópolis/PR, cidade esta que possuía o maior índice de mortalidade infantil: 127 óbitos por mil nascidos vivos.

Quais as ações que são realizadas em João Pessoa e região? E como a população pode buscar essas ações?

As ações realizadas numa linha ecumênica abrangem o cuidado, orientação, prevenção, acompanhamento, formação e evangelização. Abarcando nessa dinâmica: saúde, cidadania, educação e lazer.

A população poderá buscar essas ações entrando em contato com as lideranças da Pastoral da Criança mais próxima de sua residência, na comunidade ou paróquia local.

Estamos vivendo um momento atípico, que é a pandemia do novo coronavírus, responsável por causar a covid-19, doença que, por enquanto, a forma de evitá-la é o distanciamento social. Quais foram e são os desafios impostos por essa nova condição?

A pandemia "bloqueou" a nossa principal e mais importante ação que é a visita domiciliar, realizada uma vez ao mês a gestantes e crianças de 0 a 6 anos que são acompanhadas

pela Pastoral da Criança. Essa está sendo realizada somente de forma on-line pelo nosso App Visita Domiciliar, que neste tempo de pandemia nos mostrou ainda mais o quanto é significativa sua utilização.

O número de refugiados no estado tem crescido de maneira considerável. Existe alguma atuação da Pastoral no acolhimento e auxílio no caso dos venezuelanos que chegam à Paraíba, principalmente na Região Metropolitana de João Pessoa?

Inferivelmente por falta de voluntárias e voluntários, e também pelo processo de reorganização da equipe, fizemos "pouco" dentro dessa realidade, mas para 2021 estamos nos organizando para dar maior suporte aos venezuelanos em nossa capital.

A Pastoral teve um reconhecimento internacional relativo ao trabalho de enfrentamento à desnutrição, com o acompanhamento e a distribuição da multimistura. Como acontecia esse trabalho?

Realmente, no início da Fundação e anos seguintes, a questão da desnutrição era o nosso maior desafio e a multimistura fez a diferença na vida de muitas crianças. Há anos não fazemos mais multimistura e havíamos mudado nosso foco para a questão da obesidade infantil que cresceu de forma alarmante desencadeando várias doenças às nossas crianças... Mas desde 2017 estamos percebendo a queda do "poder" econômico da população que acompanhamos... e que essa queda a cada ano vem se agravando devido aos cortes/desmontes de políticas públicas que permitiam

o acesso dessa população a alimentação mais consistente e diária. Sendo assim, a cada dia recebemos notícias de desnutrição de nossas crianças, que há muito já havíamos superado.

Quais são as maiores necessidades dentro do trabalho na Pastoral?

Temos o respeito à Diversidade Religiosa e muitas de nossas lideranças pertencem a inúmeras outras denominações religiosas.

Pessoas que possam ser voluntárias e assumir ou apoiar nossa missão na sua própria comunidade, e também a parceria do comércio local para contribuir com a sopa ou lan-

chinho que oferecemos no Dia da Celebração da Vida, que acontece uma vez ao mês e onde nossas crianças são pesadas, verifica-se a caderneta de vacinação e acontecem palestras com profissionais de várias áreas de atuação que contribuem na formação e

orientação das famílias acompanhadas. E por fim, nosso grande sonho: ter um carro da Pastoral da Criança para acompanharmos de forma mais eficaz e eficiente as mais de 30 cidades que fazem parte de nossa Arquidiocese da Paraíba.

Mesmo sendo um braço da Igreja Católica, a Pastoral atua em parcerias, de maneira ecumênica, com outros grupos religiosos?

Sim, temos o respeito à Diversidade Religiosa e muitas de nossas lideranças pertencem a inúmeras outras denominações religiosas.

Como a sociedade civil pode colaborar com o trabalho feito pela Pastoral?

De várias formas, como apoiando as diversas campanhas que realizamos a cada ano, contribuindo financeiramente para maior abrangência da Missão, doando kits saída de maternidade para nossas/nossos futuros bebês e doando brinquedos novos/usados para distribuição no Natal, por exemplo.

Com a chegada do fim do ano, qual o balanço da entidade acerca dos trabalhos e das ações em 2020?

Foi um ano extremamente difícil. Não alcançamos as metas de vacinação para nossas crianças; famílias acompanhadas entram ou voltam para a pobreza e miséria; o índice de violência doméstica contra mulheres e crianças só aumentando nesse período de pandemia.

Porém, para terminar com boa notícia, saliento o uso de nosso App Visita Domiciliar que nos permitiu dar continuidade a nossa missão nesse tempo de pandemia. E a importância das novas tecnologias de forma geral, que também contribuíram para o andamento da missão, possibilitando capacitação, transmissões ao vivo e manter contato e comunicação com

lideranças e famílias acompanhadas.

Também destaco a perseverança e disponibilidade de cada líder da Pastoral da Criança, especialmente nesse tempo de pandemia, que não mediram esforços para acompanhar nossas gestantes e crianças em cada canto de nossa querida Paraíba!

Foi um ano extremamente difícil. Não alcançamos as metas de vacinação para nossas crianças; famílias acompanhadas entram ou voltam para a pobreza e miséria...

A pós essa avaliação, quais são os planos e perspectivas para 2021?

A retomada da Visita Domiciliar, pois é um importante momento de encontro com

as famílias para poder ouvir e ver a realidade pessoalmente; o fortalecimento e abertura da Pastoral da Criança em novas Comunidades/Paróquias; Encontros de capacitação para novas lideranças; Encontro Arquidiocesano de Líderes da Pastoral da Criança; além de novas parcerias para ampliação e sustentabilidade da missão.

Que Deus em sua infinita bondade e amor nos conceda dias melhores. Que tenhamos um abençoado Natal, sem aglomerações e um Feliz Ano Novo com a chegada da tão esperada vacina contra a covid-19!



Foto: Arquivo pessoal

SERVIÇO

■ Pastoral da Criança na Paraíba
■ Coordenadora Irmã Célia: (83) 99698-4966
■ Endereço: Av. General Osório s/n, Centro Pastoral Mosteiro de São Bento
■ Funcionamento: 8h30 às 12h30, de segunda a sexta



Foto: Remesses Henrique

A força do voluntariado que torna a vida mais humana

Eles se entregam de corpo e alma, são desprendidos e levam, ao pé da letra, o valor do amor ao próximo

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

“Jesus é o nosso maior exemplo de caridade, amor ao próximo e serviço sem esperar nada em troca. Ser voluntário é ajudar alguém de todo o coração, independente de religião. É o que revela a parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37), em que apenas o terceiro homem ajudou uma pessoa ferida na estrada”, contextualizou Severino Celestino, pós-doutor em Ciências das Religiões. Ele fala sobre a força e vontade que motiva o voluntariado, tornando pessoas especiais em várias ações.

O voluntariado de Emanuel Pontes começou encorajando a amiga Rute Vieira, diagnosticada com Leucemia em 2012, pois estava desistindo de lutar pela vida. “Sabemos que os cabelos e os seios são a feminilidade da mulher, então para tornar aquele momento mais leve, raspei a minha cabeça para encorajá-la. Graças a Deus ela está curada”, disse. Foi a partir dessa experiência

peçoal que Pontes resolveu utilizar seu trabalho para melhorar a autoestima das mulheres.

Emanuel Pontes e Rebeqa Santos, proprietários de um salão de beleza, realizaram a campanha Corte Solidário, para incentivar a doação de cabelo ao Hospital Napoleão Laureano. A campanha começou no Outubro Rosa deste ano, mas ganhou tanta visibilidade que os sócios resolveram estender o corte gratuito por tempo indeterminado.

Ajudar o próximo faz tão bem a Emanuel que seu trabalho voluntário não se encerra no corte gratuito. A convite de uma amiga, o cabeleireiro ministrou um curso de automaquiagem para mulheres cegas em março deste ano. “Aprendi algumas técnicas para ensiná-las com mais didática e aceitei o desafio. Foi uma experiência incrível como profissional e ser humano. Descobri verdadeiras celebridades da maquiagem. Iria continuar o curso de automaquiagem na Funad mas fomos surpreendidos pela pandemia”, relatou.



Emanuel Pontes foi motivado por sua amiga Rute Vieira e segue, até hoje, ajudando muitas mulheres que têm câncer

Foto: Arquivo Pessoal

Foto: Arquivo Pessoal



Paulo Sérgio é voluntário há 18 anos e confecciona perucas para o Hospital Laureano

Perucas da solidariedade

Todas as doações de cabelo destinadas ao Hospital Napoleão Laureano são encaminhadas ao peruqueiro Paulo Sérgio da Silva, 48 anos, voluntário há 18 anos. Ele começou a fazer doação de perucas quando seu pai ficou hospitalizado para fazer uma cirurgia no pulmão.

“Eu fiquei oito anos doando anonimamente, pois observava que as pacientes não tinham condições de comprar uma peruca. Alguns

anos depois, a Rede Feminina de Combate ao Câncer (RFNCC) me procurou para fazer uma parceria, pois a demanda é muito grande”, disse.

Além de ajudar pessoas em tratamento contra o câncer, Paulo Sérgio também doa perucas para crianças e adolescentes que sofrem de alopecia areata (queda repentina dos fios de cabelos ocasionando calvície), portadores de lúpus ou pessoas que sofreram algum trauma

(acidente, incêndio) e necessitam desse acessório.

“Se eu puder utilizar a minha arte para ajudar as pessoas, eu vou fazer. Afinal, se a gente não vive pra servir, a gente não serve pra viver. Ver a felicidade no rosto das pessoas não tem preço”, concluiu.



Foto: Arquivo Pessoal

Importante é fazer o bem...

Em dezembro de 2018, Nayara Campos fez uma visita a um abrigo de idosos, localizado em Bayeux, a convite de um amigo. Ao visitá-los percebeu o quanto necessitavam de doações, melhorias na estrutura e, principalmente, de atenção e amor. Diante dessa realidade, Nayara criou o projeto social ‘Faça o Bem JP’ para ajudar a divulgar as necessidades desse público, que em sua maioria foram resgatados das ruas ou maltratados pelos próprios familiares.

A vontade de ajudar ao próximo sempre fez parte da vida de Nayara de forma muito natural. “A gente pensa que está fazendo o bem a quem precisa, mas na verdade é o contrário. É muito gratificante ver a felicidade de uma criança ao ganhar um brinquedo ou passar uma tarde diferente. O simples fato de levar um alimento, cobertores ou material de higiene



Nayara Campos criou o projeto ‘Faça o Bem JP’ junto a idosos

Foto: Arquivo Pessoal

peçoal faz toda a diferença. Ser voluntário é receber aquele abraço que deixa o coração quentinho de felicidade”, disse emocionada.

O projeto Faça o Bem JP é totalmente filantrópico e não possui sede física. Toda a divul-

gação é feita através do Instagram @facaobemjp, onde são divulgadas às ações e pedidos de doações. Para ser voluntário ou fazer alguma contribuição, basta entrar em contato com Nayara Campos através do WhatsApp (83 98706-1400).

... sem olhar a quem

O psicólogo e gerontólogo, Fabrício Oliveira, realiza trabalho voluntário no Condomínio Cidade Madura desde 2016. Em uma visita, se apaixonou pela energia do lugar e decidiu se tornar voluntário, encaminhando um ofício para a Secretaria de Desenvolvimento Humano (SEMDH).

“Ser voluntário é diferente de ser solidário. Ser voluntário é doação. É um compromisso que você assume com as pessoas, no meu caso os idosos. Eles depositam confiança no seu trabalho e desempenho. Eles gostam da escuta, da dedicação, dos exercícios de estimulação da memória emotora, no entanto, tivemos que interromper as atividades em virtude da pandemia, mas sempre ligo e faço chamada de vídeo. Nossa conexão permanece mesmo à distância”, concluiu.

CASOS DE MICROCEFALIA NO NORDESTE/2019

- Paraíba concentra 6,6% dos casos, ficando atrás de Pernambuco e Bahia
- Segundo o Boletim Epidemiológico da Síndrome Congênita Associada à Infecção pelo Vírus Zika, entre 2015 e 2019, mais de 3 mil casos foram confirmados no Brasil.
- Desse total, 82,9% foram confirmados nos dois primeiros anos do surgimento da microcefalia (2015 e 2016).
- Dos 3.474 casos, 2.179 foram no Nordeste e 220 deles na Paraíba, contabilizados até 2019.

Amor incondicional é principal remédio contra a microcefalia

Entre 2015 e 2019, a Paraíba registrou 220 casos de bebês nascidos com a síndrome congênita provocada pelo zika

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Foi em outubro de 2015 que o aumento inesperado de casos de recém-nascidos vivos com microcefalia chamou atenção das pessoas, principalmente da comunidade médica. Primeiro, em Pernambuco e, em seguida, outros estados da região Nordeste também apresentaram casos, incluindo a Paraíba. No mesmo ano, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre a má-formação congênita e o vírus da zika, transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*. De lá para cá, o estado da Paraíba soma mais de 220 casos de nascidos com a síndrome congênita de

zika e, dentro dessa estatística, está Yasmin Vitória.

Suzana Ferreira de Lima, moradora da cidade de Guarabira, tinha 35 anos quando engravidou. No início do terceiro mês de gestação, ela adoeceu e os médicos sinalizaram uma virose. Suzana teve febre e manchas pelo corpo, foi medicada e retornou para casa. O diagnóstico da síndrome congênita do vírus da zika na pequena Yasmin Vitória Rodrigues de Lima só viria já nos nove meses de gravidez, quando a partir disso foi feita a ligação entre o vírus e a microcefalia apresentada pela bebê.

“Eu não me desesperei. Fui pega de surpresa sobre o que era microcefalia,

mas em momento algum eu rejeitei a minha filha. Pelo contrário, eu pensei assim: se o Senhor está me mandando uma criança especial, é porque eu sou merecedora. Me escolheu porque eu posso ser mãe dela. Então eu pedi a Ele duas coisas: que me desse saúde e que colocasse as pessoas certas no meu caminho para o tratamento dela”, disse Suzana.

Após cinco anos do diagnóstico e nascimento de Yasmin, a mãe da pequena destaca que atualmente a filha faz tratamento e tem o acompanhamento do Hospital Universitário Lauro Wanderley, no Instituto Cegos e na Fundação Centro Integrado de Apoio

à Pessoa com Deficiência. Além disso, Suzana também recebe suporte do Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Saúde com alguns medicamentos, e das Prefeituras Municipais de Guarabira e João Pessoa.

Suzana, atualmente com 40 anos, explica que agora já tira a situação “de letra”, mas que o começo foi bem complicado. “Cada dia, um dia após o outro, é um aprendizado diferente. A princípio ela não tinha epilepsia e as outras crianças tinham, mas depois de dois meses de idade foi diagnosticada epilepsia; além da microcefalia, ela tem hidrocefalia e calcificações. Mas o que eu digo a todo mundo

é que, pelas limitações que minha filha tem, ela é muito inteligente e nos compreende, e a gente compreende ela”, afirmou.

Apesar da rotina considerada exaustiva por muitos, entre as medicações e os tratamentos em Guarabira e em João Pessoa, Suzana reflete que, na verdade, especial é ela por ter sido escolhida como mãe de Yasmin. “O início foi muito difícil, acredito que para todas as mães, mas hoje, depois de cinco anos, cada dia é uma vitória. Os médicos me falaram que Yasmin só ia viver seis meses e ela tá aqui, né... Ela fez cinco anos mês passado e eu digo que são cinco de muitos que virão. O médico maior é Deus e se

Ele me deu ela, Ele tem um propósito na vida dela e na minha”, completou Suzana, emocionada.

Suzana faz questão de reforçar que, apesar das dificuldades, ter uma rede de apoio fez e faz muita diferença em sua vida. E tenta repassar isso, ajudando as mães que chegam nos grupos ou nos centros de tratamento. Em casa, ela conta com o apoio da família e, principalmente, o suporte do marido.

A história de Yasmin e Suzana é apenas uma, dentre tantos casos na Paraíba e em todo o país. O estado é considerado o terceiro do Nordeste com maior número de casos de microcefalia em decorrência do zika vírus.

“Eu não me desesperei. Fui pega de surpresa sobre o que era microcefalia, mas em momento algum eu rejeitei a minha filha.

Pelo contrário, eu pensei assim: se o Senhor está me mandando uma criança especial, é porque eu sou merecedora. Me escolheu porque eu posso ser mãe dela. Então eu pedi a Ele duas coisas: que me desse saúde e que colocasse as pessoas certas no meu caminho para o tratamento dela //



Foto: Arquivo Pessoal

➕ Pesquisas apontam surgimento em 2014

Apesar do surto dos casos em 2015 e dos números mostrarem a crise da epidemia durante esse ano em questão, pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba apontam um outro caminho. Pesquisas recentes feitas na instituição encontraram evidências da crescente de casos de microcefalias relacionadas ao vírus zika na Paraíba ainda em 2014, um ano antes do ‘boom’ de casos em Pernambuco e no Brasil.

O professor do Departamento de Promoção à Saúde da UFPB e um dos autores do estudo, Alexandre Medeiros, explicou que após a avaliação do perímetro cefálico de 62.298 crianças nascidas na Paraíba entre 2014 e 2017 em maternidades de todo o estado, representando 27% dos nascimentos desse recorte temporal, foi verificado que houve uma grande incidência de crianças com microcefalia também no segundo semestre de 2014.

“Essa é a grande descoberta

do nosso estudo. É possível que a epidemia de microcefalia na Paraíba tenha ocorrido antes do que foi visto em 2015. Além dessa constatação da medida do tamanho do perímetro cefálico das crianças, nós observamos outros fenômenos que ajudam a defender essa hipótese”, disse Medeiros.

O primeiro fator observado foi que a partir de dois estudos que avaliaram o genoma do vírus da zika apontaram que, provavelmente, o vírus tenha entrado no Brasil entre o final de 2013 e início de 2014. “Apesar de não ter um diagnóstico, o rastreamento das mutações do vírus da zika mostra isso”, apontou ele. O outro fenômeno que reforça a ideia de que o vírus chegou antes do constatado no Brasil, é que houve uma notificação de casos de dengue acima do normal no segundo semestre de 2013, “como se houvesse uma sobreposição de duas epidemias de dengue”, afirmou Alexandre. Essa sobreposição seria o surto

de dengue que sempre ocorre e mais uma segunda leva de casos. “A questão da nossa hipótese é de que é possível que parte desses casos de dengue não sejam dengue, efetivamente, e que isso poderia se tratar de zika, já que tem os sinais e sintomas muito parecidos”, completou o pesquisador.

No geral, ainda existem muitos questionamentos relativos à Síndrome Congênita do Vírus da Zika. Alexandre Medeiros pontuou alguns, como entender qual a razão para que a região Nordeste desenvolvesse um maior número de casos de microcefalia ligadas ao vírus zika, visto que, proporcionalmente, o número de casos na região e nas demais não foram tão diferentes. Outro ponto a seguir sendo investigado é sobre porque em 2016, ano em que também houve uma segunda grande quantidade de pacientes com zika, o número de crianças com microcefalia não foi tão acentuado.

Escolarização para indígenas warao é meta no ano de 2021

Plano voltado para etnia venezuelana prevê aulas de português e matemática e preservará cultura do povo

Laura Luna
Lauraragao@gmail.com

A Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT) tem se reunido com representantes da etnia warao, Ministério Público Federal (MPF), Ação Social Arquidiocesana da Paraíba (ASA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Funai, entre outros entes, no intuito de construir um programa de letramento e manutenção da cultura dos povos warao, de origem venezuelana, que vivem hoje em João Pessoa.

A intenção é que no próximo ano, os 230 indígenas da etnia venezuelana, que se distribuem em sete grupos, recebam aulas de matemática, português, cultura warao, educação profissionalizante, entre outras disciplinas que objetivem a autonomia e sobrevivência dessas pessoas no estado.

Os primeiros grupos chegaram à Paraíba em 2018 em situação de extrema vulnerabilidade. Por estarem fora da Venezuela, devido à crise política e econômica, os indígenas warao são considerados refugiados, tendo direito à assistência humanitária.

Por já ter 11 escolas onde indígenas coordenam, ensinam e, inclusive, são responsáveis pela elaboração da matriz curricular, a Paraíba possui uma expertise considerada necessária e que irá colaborar com o processo a ser implementado junto a esses povos.

“Nossos potiguaras e tabajaras também farão parte desse processo de construção, onde haverá também troca de experiên-

cias e habilidades entre os indígenas”, explica Vanusa Cavalcanti, responsável pela Gerência Executiva da Diversidade e Inclusão (Gedi) da SEECT.

Segundo a entrevistada, a proposta é que as aulas sejam ministradas nas residências dos venezuelanos. “Até porque as escolas estão fechadas devido à pandemia e quando nós vamos até o lugar há consequentemente a redução da evasão”. Vanusa lembra que há toda uma rede de suporte que visa proporcionar aos warao as condições necessárias para que possam ter o acesso à educação. “Ninguém aprende sem estar bem alimentado, bem acomodado, sem as condições globais de sobrevivência. Portanto é necessário esse trabalho múltiplo que reúne Secretarias de Estado, Ministério Público, Arquidiocese, UFPB, Ongs, entre outros entes”.

Ainda segundo Vanusa, as atividades a serem ofere-

cidas irão proporcionar novos conhecimentos, mas é objetivo do projeto reforçar e manter as tradições essenciais para que os refugiados- principalmente os já nascidos em solo paraibano- não deixem de lado as origens. “É importante que esses povos não percam sua cultura e sua ancestralidade”, falou.

É através do Núcleo de Educação para Direitos Humanos e Núcleo de Educação Étnico Racial que a SEECT irá atuar. Novas reuniões estão previstas para que o projeto comece a ser executado o mais rápido possível.

Para Cláudio Furtado, secretário Executivo da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba, o projeto implantado no próximo ano será, além de um reforço em relação às políticas de valorização da diversidade de gêneros e etnias oferecidas pelo Governo do Estado, fundamental para a definitiva inserção dessas pessoas na sociedade. “Preservando a identidade e as características. Sem educação essas pessoas não terão acesso ao mercado de trabalho nem a quaisquer outras atividades”, falou.

O secretário lembrou dos programas já existentes voltados aos indígenas, quilombolas e ciganos e destacou a importância de oferecer suporte a quem precisou deixar tudo para trás. “O projeto de letramento visa dar dignidade a quem já passou por tantas dificuldades em sua terra natal e merece todo o acolhimento e respeito”, afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal

“É importante que esses povos não percam sua cultura e sua ancestralidade”

Vanusa Cavalcanti
Gerente de diversidade e inclusão



O secretário Cláudio Furtado afirma que o governo quer primar pela cidadania do povo warao

Foto: Secom-PB

Inclusão cidadã é um direito

A professora Rita Santos, coordenadora do Observatório Antropológico da UFPB que acompanha de perto os warao, conta que desde outubro são ministradas aulas de língua portuguesa e noções de matemática para jovens e adultos do grupo. Sobre o projeto que se desenha a entrevistada acredita se tratar de “uma dimensão de inclusão cidadã que o estado irá proporcionar para essas pessoas.

“Essas atividades buscam romper com o ciclo de vulnerabilidade ao qual esses povos foram submetidos desde que saíram da Venezuela”. O letramento inicial- em parceria com a Associação Sal da Terra e a Ação Social Arquidiocesana da Paraíba- já tem gerado resultados, com indígenas conseguindo escrever o nome e estabelecer uma comunicação, mesmo que ainda de maneira simples, disse.

A possibilidade de expandir o aprendizado está sendo vista com entusiasmo, já que o conhecimento é essencial para a sobrevivência dessas pessoas. “É muito importante essa iniciativa do Núcleo de Educação Étnico Racial bem como de todos os órgãos envolvidos no sentido de consolidar os espaços onde vivem, proporcionar saúde, alimentação e educação no sentido de oferecer autonomia e empoderamento para os warao”.



Um pouco da história dos warao

O warao é um grupo étnico indígena que tradicionalmente habita o delta do Rio Orinoco, localizado no estado do Delta Amacuro, na região Nordeste da Venezuela e também dos estados de Monagas e Sucre. São considerados exímios construtores de canoa e muitas de suas moradias “tradicionais” são casas, cabanas construídas sobre palafitas erguidas em ilhas sedimentares.

Na Paraíba os warao se fixaram em João Pessoa e Campina Grande. Os indígenas falam a língua de mesmo nome, além de um espanhol precário, segundo informou o pesquisador e antropólogo, Ja-

merson Lucena, que também tem acompanhado o grupo desde abril e já publicou alguns artigos sobre as relações e hábitos desse povo. “Mesmo estando em casas separadas, eles mantêm uma união muito forte”. Além da união, outro traço peculiar dessa cultura diz respeito ao fato de formarem residências matrilocais. “A mãe da esposa tem uma força muito forte sobre a organização financeira e tomada de decisões da família. Quando saíram da Venezuela, por exemplo, o esposo tomou a decisão conjunta com a mulher e a sogra. Caso elas não concordassem dificilmente ele viria”.

Foto: Arquidiocese/PB



Com a crise política e econômica instaurada na Venezuela, grupos étnicos se viram forçados a migrar, deixando seu país em busca de oportunidades melhores; na Paraíba, eles estão em sete grupos e recebem apoio de várias instituições

Duas Estradas tem atrações que orgulham os moradores

Pôr do sol oferece uma luminosidade única ao povo acolhedor da cidade, que é repleta de belezas naturais

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Duas Estradas está localizada na Região Geográfica Imediata de Guarabira, distante 78 km da capital João Pessoa. De acordo com o IBGE, no ano de 2010 tinha população estimada em 3.640 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 26 km². O pequeno e simpático município reúne belezas naturais e pontos turísticos importantes, mas é o povo acolhedor e de sorriso fácil responsável por conquistar turistas e visitantes.

No calendário comemorativo de Duas Estradas eventos fortalecem a cultura e reforçam a importância histórica do lugar. Rota cultural Raízes do Brejo e Arraiá do Interior, onde a cidade mais quatro municípios vizinhos comemoram as festividades juninas durante um mês, movimentando toda a região, são alguns exemplos.

Há também a festa do padroeiro Sagrado Coração de Jesus, no mês de junho além das comemorações da emancipação da cidade e dos festejos natalinos, onde durante todos os finais de semana do mês de dezembro acontecem apresentações artísticas.

“É a Estrela do Natal com apresentação do Auto de Natal, corais, bandas instrumentais, lapinha, entre outras apresentações feitas por pessoas da cidade com o intuito de valorizar nossos talentos e fortalecer a identidade e auto-estima dos moradores”, explica Flávia Rocha, secretária de Comunicação, Cultura e Turismo.

Mas para além das festividades, o município possui atrações turísticas que reúnem visitantes e duas estradenses durante o ano todo. O Cruzeiro e Mirante de São Francisco, localizado no ponto mais alto do município, talvez seja o mais importante. O Cruzeiro, construído em 1932, e o mirante, inaugurado em 2018, tem vista privilegiada da cidade e no equipamento são celebradas missas e eventos religiosos.

O Conjunto Ferroviário de Duas Estradas é outro belo local da cidade que merece ser visitado. Incluído na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário Brasileiro, é considerado o marco fundacional de Duas Estradas. No prédio da antiga Estação está sediada a Biblioteca Municipal Margarida Maria Alves. Há também o belo casarão azul, onde funciona o Centro Cultural Casa Azul, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e as Ruínas do Casarão- responsável pelo surgimento da vila que deu início a Duas Estradas- além da Praça da Bíblia.

O Conjunto Ferroviário, incluído na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário Brasileiro, é outro local que merece ser visitado



Foto: Divulgação

Fazendo parte da Rota Cultural Raízes do Brejo, a cidade também preserva as tradicionais festas juninas, além de festejos relacionados a outros dias santos, reunindo pessoas de cidades vizinhas

+ Ferrovia teve influência no nome do município

O surgimento de Duas Estradas remonta ao início do século passado e tem relação estreita com a ferrovia construída pelos ingleses na região. Em 1903, Antônio José da Costa, grande fazendeiro e chefe político de Serra da Raiz, interveio na localização da Estação e do Armazém quando propôs ao escritório da Great Western no Brasil a concessão de terras para que

as edificações fossem construídas na sua propriedade. A proposta foi aceita e em 1 de janeiro de 1904 e a ferrovia passou a funcionar, unindo Recife a Natal.

Entre a Estação e o Armazém da Companhia surgiu um cruzamento, o encontro de duas estradas: a ferrovia e a rodovia que ligava Serra da Raiz a Mamanguape. Nesse ponto começou a surgir

comércio e moradias, o lugarejo ganhou o nome de Vila Costa. A vila se desenvolveu e, devido a localidade, ganhou o nome de Duas Estradas tornando-se município em 22 de dezembro de 1961.

Mulheres no comando

Duas estradas tem outra característica que chama a atenção. É governada por duas mulheres, a

prefeita Joyce Renally e a vice-prefeita Maria do Céu, reeleitas no dia 15 de novembro para o segundo mandato. Na Paraíba apenas Duas Estradas e o município de Pilõesinhos, no brejo, têm duas mulheres à frente da prefeitura. Joyce Renally, 27, foi também a mais jovem prefeita eleita do estado, quando venceu o primeiro pleito aos 23 anos.



Foto: Ramesses Henrique



Foto: Djé Silva

A história conta que, entre a Estação e o Armazém, surgiu um cruzamento, uma ferrovia que ligava Serra da Raiz a Mamanguape; a partir daí, a cidade começou a se desenvolver



Foto: Djé Silva



Foto: Djé Silva

A simpática Praça da Bíblia que completa o cenário bucólico de Duas Estradas

O charme e a simplicidade da cidade vista de cima, um verdadeiro orgulho para todos os moradores



Foto: Divulgação/Grêmio Vila

Alunos do Prima promovem um concerto ao Mestre Sivuca

Neste domingo, apresentação virtual também terá homenagens ao maestro José Siqueira e Beethoven

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Para coroar o Ano Cultural Mestre Sivuca, neste domingo será transmitido, a partir das 17h, no canal oficial da Funesco no Youtube (/funesco.pb.gov), o Grande Concerto 2020 do Prima (Programa de Inclusão Através da Música e das Artes). O evento pré-gravado consiste na apresentação de cerca de 90 alunos e com canções do artista homenageado.

Além de Sivuca (1930-2006), serão reverenciados no repertório o maestro José Siqueira (1907-1985), bem como o compositor alemão Ludwig van Beethoven (1770-1827), em comemoração aos 250 anos de nascimento.

Coordenador do Prima, o músico Milton Dornellas define o concerto como a "culminância da loucura de 2020", pois o ano contou com atividades diversas realizadas de forma alternativa, com a adoção do trabalho remoto com os alunos. "Foi um ano difícil para todos, mas conseguimos implementar o nosso trabalho, atribuindo uma nova realidade para a qual não estávamos preparados a partir do empenho de toda a equipe, dedicação e esforço".

Os 23 polos espalhados em 15 municípios da região paraibana se uniram através do ambiente virtual para reuniões mensais entre os respectivos responsáveis para definição das atividades. "Temos uma realidade de alunos e alunas que vivem em situação de vulnerabilidade social e, com a pandemia, isso veio de forma ainda mais gritante. Para fazer o acompanhamento remoto, muitas vezes eles tinham que dividir o aparelho com familiares que também o utilizavam para estudar ou trabalhar", aponta o coordenador.

Um desafio foi buscar manter o alunado ativo e animado. "Considerando que também tivemos um desgaste emocional neste ano, houve uma busca de superação pessoal em que o próprio grupo se solidarizou uns com os outros".

Apesar de todo o esforço de ambos os lados em manter as atividades o mais próximo possível do calendário visado, a impossibilidade do encontro presencial afetou diretamente o grupo, levando a equipe a



Foto: Reprodução

Formato da apresentação é inédito para o programa, que atribui o mosaico de vídeos gravados individualmente com os alunos dos polos espalhados pelo Estado, sob a regência de Rainere Travassos

/// Tudo o que estamos fazendo agora será registrado para quando as futuras crianças forem pesquisar, descobrirem o que foi feito na Paraíba durante a pandemia. É como um memorial ///

inserir novas etapas nas aulas. "É diferente estudar no polo e estudar em casa, com os familiares. Isso complicou muito, mas conseguimos manter os alunos e construir o repertório para a preparação do concerto", comenta Dornellas.

O formato da apresentação é inédito para o programa, que atribui o mosaico de vídeos gravados individualmente com os músicos. Para o coordenador, este fator representa também o empenho de cada integrante do grupo. "Nas condições em que foi feito, ao contextualizar o vídeo, percebe-se o quanto ele ganha um valor simbólico muito maior, porque demonstra o quanto as pessoas se dedicaram ao desenvolvimento de atividades", completa Dornellas.

A captação de imagens e áudios para o evento desta tarde

foi realizada por Rainere Travassos, Jean Fidelis, Tamison Azevêdo e Kaio Kennedy, que também contribuíram para a construção do concerto.

O processo de ensino e acompanhamento remoto conta com mais etapas e de uma forma menos imediata, mas o aluno tem acesso aos elementos essenciais para acompanhamento como uma aula presencial. "A partitura escrita é transformada em áudio em que é transportado para um programa e definição de um áudio guia, ou *playlist*, através do qual o aluno vai estudando de acordo com as instruções do professor por vídeo", explica o regente do concerto, Rainere Travassos. Essas diretrizes foram sendo aprimoradas durante o ano para que a distância fosse superada através da tecnologia.

As atividades do Prima foram distribuídas entre os meses de abril a dezembro de forma remota, a exemplo da Semana de Janelas Abertas, uma novidade de 2020 que deve se perpetuar no calendário dos próximos anos, em que foram realizadas conversas voltadas para os músicos de dentro ou fora do grupo. "São atividades que não podem mais ser dispensadas pois foram muito importantes para o processo pedagógico e

artístico do programa", defende Dornellas. As últimas reuniões de 2020 estão sendo realizadas e devem iniciar o processo de planejamento do próximo ano, bem como registrar o que foi realizado neste.

Os oito anos de existência do Prima trazem resultados concretos de alunos que representam a Paraíba nas artes mundo afora. "Temos alunos cursando graduação em música ou em outras áreas, bem como alunos estudando fora do país e que foram formados inicialmente no Prima. Temos ainda ex-alunos que se tornaram professores no programa. É uma iniciativa muito importante no que se refere à função que ela oferece", conclui Dornellas.

A retomada de atividades presenciais, ainda sem data definida devido à pandemia, contará com novidades em dois polos: Cajazeiras teve sua unidade reformada e o de Monteiro teve seu endereço alterado, dedicando um espaço ainda mais apropriado para a realização de atividades nestas regiões.

Chave de ouro

O concerto de culminância de atividades do programa neste ano contará com falas oficiais

de abertura do governador da Paraíba, João Azevêdo, do secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, e do presidente da Funesco, Walter Galvão, além de integrantes do setor administrativo do Prima, que contará com este registro histórico nunca antes realizado. "Tudo o que estamos fazendo agora será registrado para quando as futuras crianças forem pesquisar, descobrirem o que foi feito na Paraíba durante a pandemia. É como um memorial", define Milton Dornellas.

O concerto em homenagem ao Mestre Sivuca encerra as atividades do Ano Cultural decretado pelo Governo do Estado em 2020, tema recorrente nas atividades do programa tanto nos estudos como nos ensaios das composições do paraibano. Para o gestor do Prima, "é uma homenagem extremamente justa para reconhecimento do grande músico, intérprete, compositor reconhecido mundialmente pelo seu talento. Fechamos o calendário 2020 com chave de ouro".

O repertório de hoje do Grande Concerto do Prima foi definido pela equipe de professores do projeto, que repassou para os alunos e seguiu com o acompanhamento remoto. De

acordo com Rainere Travassos, o processo de edição foi emocionante por destacar a mobilização de toda a equipe na realização de todo o processo. "Considerando os nove meses de pandemia, conseguimos bons resultados. Entramos em um nível de envolvimento que é sublime, difícil de mensurar e de explicar. É emocionante ver as janelas posicionadas e lembrar da história de cada aluno e cada professor".

O repertório foi pensado entre uma seletiva de canções conhecidas pelo público dos três compositores homenageados. Sivuca estará representado por três canções: 'Aquariana', 'João e Maria' e 'Feira de Mangaio' (de Sivuca e Glória Gadelha), distribuídas em três dos quatro blocos (confira no box abaixo).



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesco no Youtube

Foto: Arquivo A União



Foto: Divulgação



Repertório conta com composições do regente paraibano José Siqueira (E), bem como do alemão Ludwig van Beethoven (D)

CONFIRA O REPERTÓRIO COMPLETO DO GRANDE CONCERTO 2020 DO PRIMA:

■ Bloco 1

'Aquariana' - Sivuca
'João e Maria' - Sivuca
'Infância' - José Américo de Almeida e José Siqueira

■ Bloco 2

'Ode To Joy' - Beethoven
'Feira de Mangaio' - Sivuca e Glória Gadelha
'Meu Rastro' - José Américo de Almeida e José Siqueira

■ Bloco 3

'Choro de Cordel'
'Toada' - José Siqueira
'Com carinho e com amor' (Seleção de Xotes) - Arranjos: Marcelo Vilor

■ Bloco 4 (Coral)

'João e Maria' - Sivuca e Chico Buarque
'Escuta o Coração' - Glória Gadelha e Sivuca
'Feira de Mangaio' - Sivuca e Glória Gadelha

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | colaborador



Foto: Divulgação

Comemoração natalina mudou com o passar do tempo: no capitalismo, ela ganharia características mercadológicas com base na troca de presentes

Natal, presentes e afetos

O Natal é uma das festas que mais gosto. Acontece na época do solstício de verão, no Hemisfério Sul, e no solstício de inverno no Hemisfério Norte. Não se sabe ao certo em que dia Jesus nasceu, mas isso em termos práticos não parece importar muito.

A Bíblia não faz menção à data, mas diz que quando o menino Jesus nasceu os pastores andavam com os rebanhos no campo, o que é improvável ter acontecido em dezembro. É período de inverno e faz bastante frio em Israel.

O dia 25 de dezembro é uma invenção católica. A escolha não foi aleatória. A partir de 17 de dezembro, os romanos comemoravam as saturnais, com banquetes e trocas de presentes. No dia 25, celebravam o nascimento do Sol Invicto.

As festividades eram popularmente importantes. A Igreja encontrou, assim, um meio de diminuir a força das festas pagãs – que gradativamente deram lugar ao Natal – fazendo coincidir as datas.

A comemoração de Natal mudou com o passar do tempo. No capitalismo, ela ganharia características mercadológicas. As empresas investem pesado em propagandas pra vender seus produtos, o que acaba ganhando ainda mais apelo devido à tradição da troca de presentes.

Trocar presentes é algo importante para as relações humanas. Diferentes sociedades possuem essa prática. O fundamental na experiência de troca de presentes é o sentimento de gratidão e a reciprocidade que fortalecem nossos laços sociais.

Um dos grandes estudos sobre o tema é de autoria do antropólogo polonês Bronisław Malinowski. Ele apresentou ao mundo uma pesquisa sobre o kula, uma espécie de círculo ou intercâmbio de trocas entre tribos de ilhas do Pacífico.

Os praticantes do kula viajavam quilômetros usando canoas para trocar colares e braceletes feitos a partir de conchas. Esse ritual acontecia anualmente, possuía aspectos mágicos e religiosos e era uma forma de promover a paz e o respeito entre as tribos.

É com base nisso que as trocas de presentes no Natal e a própria festa podem ser pensadas para além das questões de mercado. A cultura da festividade envolve uma valorização das relações de afeto entre pessoas da própria família e de fora, do espírito de fraternidade e amizade.

Como disse certa vez a educadora Mary Ellen Chase: “O Natal não é uma data. É um estado de espírito.”

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

O ‘mal’ e a condição humana

A violência está conduzindo à alienação à banalidade, por isso, o medo ao terror aumenta o embrutecimento humano e suas destrutivas consequências. O não pensar banaliza o mal e destrói os valores morais. Essa condição humana elimina o senso crítico e anula o sentido à vida. O estado de alienação dá origem à crueldade e lança a condição humana à barbárie. O mal é indiferente ao sofrimento do outro e apresenta uma incapacidade de compaixão. A banalidade surge em não conseguir perceber a condição do sofrimento humano e não saber diferenciar o certo e errado. Isso está relacionado com a incapacidade de pensar a partir de outra pessoa. A maldade elimina, na cultura, a identidade do povo, por isso que muitos se acostumam à miséria humana e não se importam com os acontecimentos criminosos e não se incomodam com a corrupção e nem com a presença de assassinos à solta no país. O mal se relaciona com a liberdade de uma escolha infeliz, que conduz à condição de terror. Esse distúrbio – de escolha infeliz – pode ser corrigido de maneira a priorizar e preservar a dignidade entre os relacionamentos, que é o convívio consigo, com os outros e o meio, desde que se busque o bem comum com respeito à diferença.

A filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) escreveu o livro *Eichmann em Jerusalém: Relatos Sobre a Banalidade do Mal* (1963), que trata sobre a maldade humana. Nesse mesmo tema, ela escrevia o livro *A vida do Espírito* (1975), que ficou inconclusa em sua terceira parte: o julgar, devido ao seu falecimento. As contribuições filosóficas de Hannah Arendt para entender a maldade, nos dias atuais, são consideráveis. Uma de suas teses afirmou que para compreender a maldade não significa nem perdoar nem esquecer, mas ‘reconciliar-se’ com o que passou e continuar a agir. Ela escreveu: “Perdoar, no entanto, tem tão pouco a ver com compreender, que não é sua condição nem sua consequência. (...) A compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais; é a maneira especificamente humana de estar vivo, porque toda pessoa necessita reconciliar-se com um mundo em que



Foto: Divulgação

Filósofa e escritora alemã Hannah Arendt (1906-1975)

nasceu como um estranho e no qual permanecerá sempre um estranho, em sua inconfundível singularidade”. Nesse contexto, pode-se entender que compreender a maldade é buscar as origens dos acontecimentos e das mentalidades e o que leva as pessoas a agirem ou a omitirem-se diante do mal.

Hannah Arendt ao analisar a origem da maldade, a partir da Modernidade, demonstrou que os seus antecedentes surgiram no século 17; e na sociedade de massa, no século 20. Ela buscou o significado da maldade enquanto ideologia, a fim de não deixar que a maldade venha comandar as regras, os hábitos e nem de ser representada por um perverso líder político. Arendt definiu o novo conceito de ‘compreensão’ para entender o mal. Ela afirmou: “O resultado da compreensão é o significado, que produzimos em nosso próprio processo de vida, à medida que tentamos nos reconciliar com o que fazemos e com o que sofremos”. Nesse conceito de compreender é necessário ter a ‘esperança’ de que não se repetirá a crueldade do passado. Entende-se que compreender não é perdoar para esquecer, mas lembrar para resistir e para evitar que o “mal banal” ocorra novamente, que, também, é político, porque cada um não pensa no que faz, e nem respeita o outro por não se colocar no lugar ou na dor existencial dele. Arendt conduz a sensibilidade, diante do sofrimento humano, de forma que é preciso recon-

iliar-se com o trauma do passado, a fim de permanecer mais humanizado entre todos, e deve-se amar o mundo, mesmo com seus conflitos, e que isso possa influenciar as próximas gerações.

Afirmar que a maldade deve ser uma preocupação política, a partir das teses de Hannah Arendt, é determinar que a política deve ter como prioridade à liberdade. Ela escreveu: “O significado da política é a liberdade”, pois “a liberdade só existe no singular espaço intermediário da política”. A não violência estabelece o interesse comum através da liberdade, da participação de todos, e sem coação ou insegurança. Somente a política garante a liberdade, e quanto mais liberdade o cidadão pode ser livre para exercer a ação do bem comum e a própria espontaneidade, dessa forma é possível resolver os mais complexos conflitos humanos.

Ao dar continuidade a essa coluna, sinta-se convidado para a audição do 295 Domingo Sinfônico, na Rádio Tabajara FM 105.5, deste dia 20, das 22h às 0h. Nesta edição, vamos conhecer o compositor e violinista Antônio Lúcio Vivaldi (1678-1741). Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Vivaldi, no seu pensamento musical, através do naturalismo grego e influenciado pela tese do Uno do filósofo Plotino (204 d.C.-270 d.C.), apresentou uma unicidade entre Deus, natureza e homem. Ele contribuiu, decisivamente, na estrutura dos concertos de câmara do Barroco, do Neoclassicismo e da sinfonia. A musicalidade de Vivaldi é estudada pelos efeitos terapêuticos que causa no comportamento humano. Ele compôs música não acadêmica, e isso criou a sua popularidade que conquistou toda Europa. No ano de 1704, foi-lhe dada a dispensa da celebração da Santa Eucaristia devido as suas crises de asma, isso o fez voltar para o ensino de violino num orfanato para moças na cidade de Veneza. Vivaldi foi um compositor prolífico e sua música foi inovadora, o seu pensamento musical deu brilho à estrutura formal e rítmica do concerto, também apresentou contrastes harmônicos quando inventou melodias e trechos originais.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Buscar o estilo

Os temas circulam, as bactérias também, vírus e vícios, tudo circula. Deuses e semideuses e seminuas. Adoro as seminuas. Os cromos circulam, as figurinhas também. Sensações se desintegram e há escassez de prazeres, tudo por conta dessa pandemia da moléstia.

Eu estava na feira de produtos orgânicos da UFPA, sexta-feira passada, bem cedinho, quando vejo uma pessoa de costas, a cara de Gonzaga Rodrigues. Cheguei perto e perguntei: “Ué, Gonzaga, você não gosta de Clarice?” Não era o nequim, era um cubano, que deu uma gaitada e mandou que eu fosse às favas. Nessa hora, pensei em Célia Cruz.

Eu não sei escrever. Não sei mesmo. Não sei escrever como ninguém, não sei escrever como Gonzaga, o melhor cronista, depois do saudoso Carlos Romero, que escrevia crônicas lindas. Ninguém escreve só por escrever, todos querem leitores que leiam seus textos e comentem. Eu peguei um maço de brócolis e pensei na bela e inteligente acadêmica Pepita.

Há no texto de Hildeberto Barbosa Filho um passeio. Ele escreve rapidamente, parece que estou o vendo no computador. HBF hoje é mais poesia, nua e crua, mas conhece muito de literatura, é um bom crítico literário, mas eu não sei escrever como ele. Nem sei fazer os poemas de Astier Basílio. Astier é lindinho.

A escritora Ana Adelaide deu pra escrever difícil. Era mais solta nos textos que fazia para o portal WsCom Ltda., mas Ana escreve primorosas crônicas, principalmente sobre filmes ou séries. Mas não sei escrever como Ana Adelaide. Os textos de Colaço Filho são bem elaborados, clássicos e modernos. Não sei escrever como ele, mas gosto da sua produção.

Isso de não saber escrever sobre um e outro não quer dizer algo desesperador. O jornalista Walter Galvão tem textos afiados como facas, sabe desenhar o que o leitor deseja, pulsar, como se escrevesse algo para ser devorado. Eu gosto, mas não sei escrever como ele. E nunca vou aprender.

Há, naturalmente, os obcecados pela usura, pela vontade de escrever e ver seus textos publicados. Martinho Moreira Franco me lembra a saudade das tiradas de Marcos Tavares, que era nosso escritor maldito, além do saudoso Carlos Tavares, que escrevia textos elásticos nos sentidos literários e era um excelente jornalista. Eu não sei escrever como Martinho.

A presidente da Academia Paraibana de Letras, Ângela Bezerra, faz textos herméticos, com começo, meio e fim. São textos equivalentes a boa literatura. Mas eu não sei escrever igual Angela. É uma questão de estilo.

Meus textos e se amontoam pilhas e telhas com palavras que saltam da minha cabeça oca, de bebê sem touca.

Outra dia, li um texto de Anne K, não sei o nome é esse mesmo, aqui na página de *Opinião de A União*, onde escreve o doutor Damião, que vendeu seu irmão Cosme, numa feira de Caruaru. Eu gosto dos textos de Anne K, ela tem uma mochila de palavras e a gente vai aprendendo outros desejos usurários da escrita. Me parece que entrou de férias. Eu nunca tiro férias das letras e dos livros.

Existe aquele que se aproveita do poder da palavra e não escreve nada, pensa que escreve bem, mas tudo bem só ano que vem, né? Eu gosto de Sitônio Pinto, cobra da peste – parece que escreve com uma bacamarte de lado (dá até para ver a forma de campânula).

Um articulista PB, o doutor Fizarrô, disse que ele é uma baraúna, que seus textos são os melhores das colunas. Afinal, quem é o baraúna? Também chamada de braúna ou graúna, é uma árvore leguminosa de grande porte que fornece uma madeira escura, muito resistente e durável. Aliás, diálogos são monólogos disfarçados, eu sei.

O que não me desfaço, em hipótese alguma, da minha coleção de boas crônicas, as de Gonzaga Rodrigues. Até domingo.

Kapetadas

1 - Meu signo Libra com Ascendente em Euro, Lua em Dólar, mas um dia eu chego lá.

2 - Um eufemismo seria equivalente a uma hiperbolinha?

3 - Som na caixa: “E gritava: a, e, i, o, u, y”, Jackson do Pandeiro.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'Poltrona Rasgada' no olhar de um abismado musicista

O que seriam das luzes e écrans do cinema, em todos os seus tons de cinza e de matizes, se não para reproduzirem as maravilhas dos ambientes e de seus atores, criando mais atmosfera e diversão ao nosso habitável mundo de tantas diferenças raciais e crenças? Será mesmo cogente existir um "cinema autoral", aquele que reconstrói, sob uma ótica diferenciada, até apaixonada, o próprio universo de costumes, cenografias e feitos em que está inserido?

Alguns como eu – e não são muitos – acreditam na probabilidade desse cinema. Um cinema autônomo, seja numa bitola clássica (película) ou moderno recurso digital, mas que deite um olhar responsável sobre aquilo que nos é mais caro e significante: a urbe em que vivemos, mesmo com suas contradições.

Por que alguém menos sensível ao cotidiano da nossa urbanidade, das coisas simples, apenas enxergam o modernismo, a virtualidade diáfana do *cyber pyrotechnics* e a "espetaculação" das coisas? Se não me engano, parece ser essa a tendência do momento, inclusive na profissão dos que dizem fazer cinema.

Contudo, há quem aposte no resgate das tradições, também como forma

musical, mas que termina por se envolver – e muito bem – com o audiovisual. Como representação de uma realidade (ficção), ou mesmo através do segmento documental. Em ambos os casos, presa pela verossimilhança das coisas, fatos e pessoas, valorizando sempre aquilo que terá sido e continua existindo historicamente importante.

Esse indivíduo existe, sim! Eu o conheci nos corredores da Universidade Federal da Paraíba. Ele, fiel à sua música de qualidade; eu, apenas ao cinema. Daí, surgiu uma parceria que só nos deu prazer, na realização de *Américo - Falcão Peregrino*. Sua trilha sonora harmônica, revive alguns versos do poeta de Lucena, sublimando ainda mais a nossa narrativa audiovisual.

Seu nome, Adeildo Vieira, por algum tempo, igualmente colunista deste jornal. Um artista cuja obra singular, presa sobretudo aquilo que diz respeito à cidade em que vive. E é dele o que passo a transcrever a seguir:

"Assisti *Poltrona Rasgada* (exibido durante o Fest Aruanda) e constatei que a minha maior empatia com esses seus filmes, Alex, é o debruçamento sobre a cidade de João Pessoa.

Um olhar histórico apaixonado, o que, com certeza, encontra em Manoel Jaime uma verdadeira confluência de ideias no que tange a esse olhar tão especial à capital paraibana. João Pessoa precisa dessa percepção exaltada em obras artísticas, levando ao mundo, pelo viés criativo de seus artistas, o universo cultural que habita dentro de nós sem que muitos sequer o percebam. Que façamos o que, há muito, fazem os artistas baianos, que se orgulham de sua 'baianidade'.

Mas o melhor de tudo isso é que nesses filmes desvelam-se fatos históricos que ficaram turvos na memória devido à poeira do tempo. Também vale ressaltar o legado poético de muitos que fizeram (e ainda fazem, aqui ou alhures) o imaginário coletivo de todos nós. Ao exaltar os traços do passado, estamos mesmo é filmando o futuro, numa película simbólica e afirmativa que encherá as salas escuras de nossos corações parahybanos de esperança. Abração, meu amigo!"

Ipsis verbis, parceiro Adeildo. Compartilhe e agradeço. – Mais "coisas de cinema", acesse o nosso blog: www.alexantost.com.br.

Fotos: Divulgação



Rodado em João Pessoa e com um olhar histórico, cinema, tradição e seus atores formam a narrativa do média-metragem 'Poltrona Rasgada'



Fest Aruanda debate 'Poltrona Rasgada'

Ocupante da Cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema (cujo Patrono é seu pai, o pioneiro exibidor Severino Alexandre Santos), o cineasta Alex Santos foi convidado e participou nesta semana da Sala de Debates do 15º Fest Aruanda, quando discorreu sobre a proposta de sua obra, realizada com a participação do escritor Manoel Jaime Xavier, parceiro da Academia de Cinema.

Poltrona Rasgada, ficção em média-metragem, 40 minutos de duração, inscrito hors-concours, foi um dos trabalhos debatidos e que teve a mediação do curador e diretor artístico do Fest Aruanda, Amilton Pinheiro. O convite foi formulado pelo coordenador-geral do evento, o também acadêmico Lúcio Vilar. O link para assistir ao debate é o seguinte: www.youtube.com/watch?v=hWj5F04VDao&ab_channel=FestivalAruanda.

Nelson Rodrigues

Romances e folhetins do autor vão ganhar nova casa no Brasil em 2021

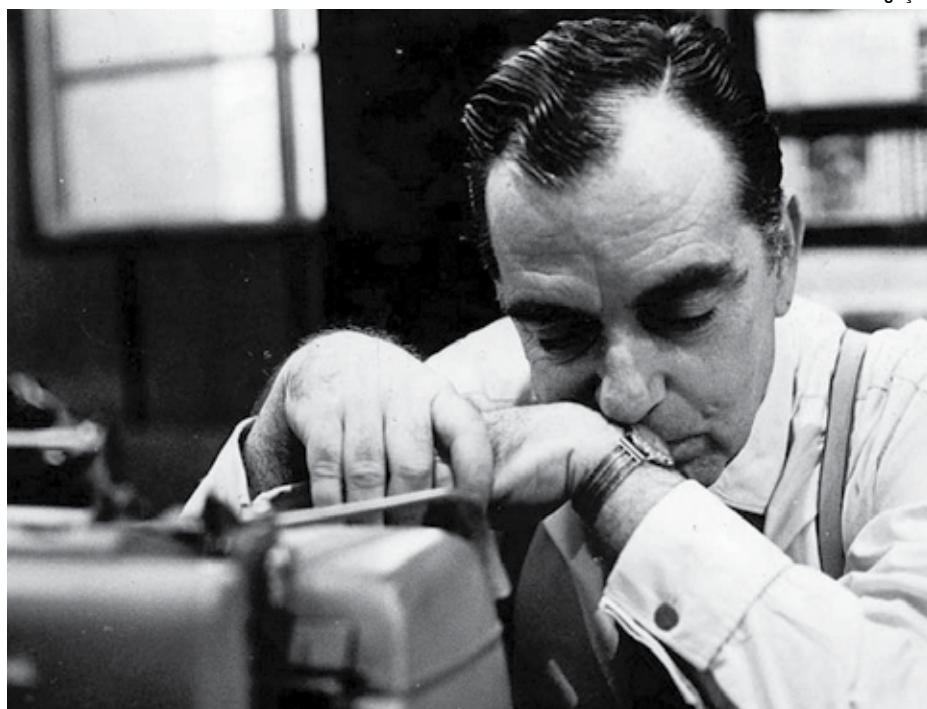
Agência Estado

A editora HarperCollins Brasil anunciou a aquisição dos romances e folhetins de Nelson Rodrigues (1912-1980). O primeiro título será *Asfalto Selvagem: Engraçadinha, Seus amores e Seus Pecados*, em fevereiro de 2021. Alguns dos livros do projeto foram assinados pelo autor sob os pseudônimos Suzana Flag e Myrna.

Nos próximos dois anos, a HarperCollins promete publicar as dez obras em romance e folhetins de Nelson Rodrigues, muitos deles há anos fora de catálogo. Também lançará *Nelson Rodrigues Por Ele Mesmo*, criado a partir de depoimentos e entrevistas do autor, com organização da filha Sonia Rodrigues.

'Asfalto Selvagem' e adaptações

Dividido em duas partes, *Asfalto Selvagem* conta a trajetória de Engraçadinha em dois momentos de sua vida: dos 12 aos 18, uma história trágica; e depois dos 30, uma narrativa



Primeiro título a ser publicado será 'Asfalto selvagem'; outros nove sairão ao longo dos próximos dois anos

cômica. A obra já teve duas adaptações para o cinema e para a TV – a mais recente, de 1995, com Alessandra Negrini e Claudia Raia, foi reprisada com sucesso neste ano pelo Canal Viva.

Mais recentemente, também estreou nos cinemas a adaptação de *Boca de Ouro*, dirigida por Daniel Filho, a partir da peça homônima do autor.

Foto: Divulgação

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Tipos de leitor

Há um tipo de leitor que só lê um livro de cada vez. Só procura outro, quando termina aquele, ou, se não conseguir terminá-lo, o abandona, e, então, parte para uma nova leitura. Porém, sempre fiel ao exemplar que tem em mãos, a ele se dedicando em tempo integral. Não importa se um ensaio, se um romance, se uma coletânea de poemas, de crônicas, de contos ou se um didático qualquer. Chamaria esse leitor de leitor monogâmico.

Eu nunca fui assim!

Tendo passado muito tempo de minha vida em sala de aula, entre gramáticas, dicionários, enciclopédias e livros de e sobre literatura, desde cedo cultivei o hábito de ler vários volumes ao mesmo tempo, numa espécie de leitura que denomino, não diria polígama, mas, de circular. Quem dar aulas deve compulsar diversas obras ao mesmo tempo, atento à sutileza das diferenças conceituais e doutrinárias, com o objetivo, ético e pedagógico, de demonstrar, esclarecer e explicar os sortilégios do conhecimento.

A circularidade, portanto, diz respeito a assuntos, a autores, a gêneros e a múltiplos interesses, duradouros e circunstanciais, que me motivam nessa contínua e renovada aventura pelas letras, páginas, capítulos e obras inteiras. Esta circularidade se intensificou ainda mais, quando parti para o exercício da crítica literária militante. Aí, sim, livros e livros à mesa e à cabeceira nas esquecidas "horas de leitura", "à sombra da estante", só para lembrar os belos títulos de Brito Broca e Augusto Meyer.

No âmbito dessa circularidade existe o leitor que não se aparta das chamadas obras de referência, nelas fazendo pouso para se abastecer das informações necessárias, das primeiras indicações, das matrizes conceituais, das tipologias classificatórias e das bibliografias que, cruzadas, o levarão certamente para o interior mais específico dos temas de sua eleição. Existe também o leitor que se apega, dentro dessa rede temática, a tópicos particulares de sua preferência que, de maneira sutil e indireta, como que formam uma pequenina paideia na esfera móvel de sua biblioteca subjetiva.

Vejam um exemplo que extraio de minha própria experiência. Alguns assuntos me são caros, dentro e fora do universo literário. A propósito, é a própria literatura que, atraindo-me pelos requisitos intrínsecos e estéticos de suas formas discursivas, leva-me para outras paisagens do saber, ampliando, assim, o horizonte de expectativas do leitor que sou. Fora da literatura, ou seja, do território artístico das obras de criação literária em sentido restrito (romances, poemas, contos etc.), interessam-me certos assuntos, focados em estudos de índole histórica, sociológica, antropológica, filosófica, moral e estética. Amor, amizade, angústia, suicídio, ciúme, morte, felicidade, entre outros, parecem compor um leque semântico a envolver autores e textos dos mais diversos matizes.

Aqui, não raro, o leitor é tentado a fazer correlações entre o ponto de vista literário e o ponto de vista, digamos, científico ou exegetico. O que sei é que a leitura parece se adensar mais, na medida em que a matéria focada é submetida a apreciações diferentes. Tente, por exemplo, você, caro leitor, ler a novela *História de um louco amor*, de Horacio Quiroga, e confrontá-la com alguns tratados sobre amor, adultério e ciúme; leia também o romance de Tolstói, *A sonata a Kreutzer*, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, dentro da mesma chave, ou, então, depois de ler o ensaio sociológico acerca da amizade, de Francesco Alberoni, ou o clássico de Cicero, dê-se ao prazer de ler o romance *Bel-Ami*, de Guy de Maupassant, entre tantos exemplos que poderia dar.

O leitor circular, portanto, é precisamente aquele que, mais que as temáticas em si, importam-lhe, sobretudo, as conexões resultantes do cotejo entre às diversas perspectivas delineadas. Ler, aqui, é estabelecer elos significativos em meio às malhas de uma rede infinita por onde se esgarça o tecido vário do saber.

A circularidade vai além da dispersão!

Foto: Arquivo A União



Uruguai Horacio Quiroga (1878-1937), autor de 'História de um louco amor'

Colunista colaborador



A equipe do Grêmio Vila Olímpica Parahyba conseguiu se destacar em meio à pandemia do novo coronavírus alcançando expressivos resultados com destaques para Raycca Marielly e José Alexandre Filho



Fotos: Divulgação

Grêmio Vila tem 23 atletas entre os melhores da nataação nacional

Apesar das restrições por conta da pandemia da covid-19, o desempenho da equipe é histórico em diversas categorias

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Grêmio Vila Olímpica Parahyba, mesmo em um ano atípico, com poucas competições e muitas restrições provocadas pela pandemia da covid-19, encerra a temporada de 2020 da nataação com um feito histórico: 23 atletas com tempos registrados entre os 10 melhores do país em suas provas. O resultado é fruto da mescla entre trabalho profissional e social, já que a Vila como equipamento público é responsável pela inserção de centenas de crianças e jovens no mundo esportivo.

Os 23 atletas estão divididos em seis categorias sob a supervisão de uma equipe de multiprofissionais encabeçada pelo professor Lúcio Silva - responsável pelos atletas do Pré-Mirim, Mirim e Petiz (8 aos 12 anos) e pelo professor Leandro Ribeiro - técnico das categorias Infantil, Juvenil e Júnior (13 aos 18 anos). Para Lúcio, mesmo em um ano tão complicado, o trabalho cooperado da Vila se sobressaiu e a equipe segue em evolução em relação aos anos anteriores.

"A avaliação dos resultados desse ano é bastante

/// A Vila tem essa função social. Os atletas oriundos de escolas públicas não pagam para treinar e isso abre as portas da nataação que é um esporte um pouco elitista ///

positiva. A gente teve um ano muito difícil onde as condições de trabalho não foram as ideais, mas mesmo assim houve uma evolução enorme dos nossos atletas. Em relação ao ano passado, tivemos um aumento muito expressivo na quantidade de resultados e atletas ranqueados entre os melhores do país e agora, mesmo diante da pandemia e todas as problemáticas geradas por ela, conseguimos colocar 23 atletas ranqueados entre os 10 melhores do país em 49 provas diferentes o que nos coloca na briga com os melhores clubes do Brasil", afirmou.

Ao todo, a equipe da Vila Parahyba conta com atletas entre os 10 melhores colocados do Brasil em 49 provas distintas. Os dois maiores destaques vão para Raycca Marielly que lidera o ranking em 4 provas, vice-líder em duas e sétima colocada em mais uma, além de José Alexandre Filho, líder do país em duas provas e ainda acumula uma terceira colocação.

O trabalho de lapidação de talentos começa desde cedo com as escolinhas de nataação da Vila, abertas ao público e gratuitas para crianças e adolescentes estudantes de escolas públicas que, pelas diversas barreiras impostas pela desigualdade social, encontram, justamente no maior equipamento público esportivo do estado, a oportunidade de acessar um esporte historicamente inacessível para as camadas mais vulneráveis da sociedade, a nataação.

Para o professor Lúcio Silva, o trabalho da Vila proporciona o acesso ao esporte e graças ao amplo

/// Esses atletas que hoje trazem esses resultados são verdadeiramente formados na Vila. Eles começaram desde pequeninhos nas escolinhas ///

espectro de crianças e adolescentes, oriundos das mais diversas camadas sociais, tem sido possível encontrar e lapidar talentos que antes

acabavam passando despercebidos ou simplesmente não chegavam a ter a oportunidade de conhecer, praticar e treinar a nataação.

"A Vila tem essa função social. Os atletas oriundos de escolas públicas não pagam para treinar e isso abre as portas da nataação que é um esporte um pouco elitista e até mesmo de outros esportes que são ofertados nas nossas escolinhas, fazendo com que as pessoas que não tm oportunidade em outras escolas e centros de treinamento", explicou.

Para Lúcio, outro gran-

de diferencial do Grêmio Vila Olímpica Parahyba é o fato dos atletas serem verdadeiramente formados pela equipe de profissionais reunida na parceria entre o complexo esportivo público e o clube. Para ele, esse fator faz com que desde muito cedo as crianças se familiarizem com as técnicas da nataação e possam ter o aprimoramento de seus talentos.

"Esses atletas que hoje trazem esses resultados são verdadeiramente formados na Vila. Eles começaram desde pequeninhos nas escolinhas com os profes-

res que fazem um trabalho de excelência nessa fase, já deixando esses atletas praticamente formados. Depois a garotada que se destaca e mostra o potencial para o alto rendimento, sobe para as equipes de treinamento onde vamos buscar potencializar esses talentos. Esses resultados de agora são justamente os frutos desse trabalho contínuo que deságua nas principais competições do Norte, do Nordeste e do Brasil onde eles estão representando com excelência a Vila e a Paraíba", afirmou Lúcio Silva.

CONFIRA OS ATLETAS RANQUEADOS ENTRE OS 10 MELHORES DO PAÍS

Pré-Mirim - Mirim - Petiz

- Ana Beatriz Serafim (Petiz 1 - 6º 50 Peito - 9º 100 Peito)
- Ana Clara Falcão (Petiz 1 - 8º 50 Borboleta)
- Ana Clara Menezes (Petiz 1 - 9º 50 Peito - 7º 50 Costas)
- Heloiza Maria (Petiz 1 - 4º 50 Costas - 4º 50 Borboleta - 7º 100 Borboleta - 7º 100 Livre)
- Italo Matheus Alencar Santana (Petiz 2 - 10º 50 Costas)
- Maria Clara Rodrigues (Petiz 1 - 8º 50 Peito)
- Maria Eduarda Moura (Mirim 2 - 3º 50 Peito - 5º 50 Borboleta - 7º 50 Costas)
- Pedro Nascimento (Pré-Mirim - 9º 50 Costas - 4º 50 Borboleta - 8º 50 Livre - 9º 50 Peito)
- Raycca Marielly (Mirim 1 - 1º 200 Livre - 1º 100 Borboleta - 1º 50 Livre - 1º 50 Costas - 2º 50 Borboleta - 2º 100 Livre - 7º 50 Peito)
- Túlio Gonçalves (Petiz 2 - 8º 50 Peito)
- Yan Anderson Cardoso (Mirim 2 - 9º 50 Costas)

Infantil - Juvenil - Júnior

- Ana Raquel Sousa (Juvenil 1 - 3º 50 Costas)
- Ednaldo Neto (Infantil 1 - 5º 50 Borboleta - 6º 200 Borboleta - 9º 100 Borboleta)
- Eduardo Cesar Melo (Junior 2 - 8º 200 Costas)
- Esthefany Camilly Benevenuto (Infantil 2 - 8º 800 Livre - 10º 400 Livre)
- Felipe Costa (Juvenil 1 - 8º 200 Borboleta)
- Isabela Silva Garcia (Infantil 2 - 2º 50 Peito - 5º 200 Peito - 8º 50 Borboleta - 9º 100 Peito)
- José Alexandre Filho (Infantil 1 - 1º 50 Costas - 1º 200 Costas - 3º 100 Costas)
- Maria Dionila Campos (Juvenil 1 - 3º 50 Borboleta - 8º 50 Peito)
- Maria Eloisy Manguiera (Infantil 2 - 2º 50 Borboleta - 3º 50 Livre - 6º 100 Livre)
- Mateus Augusto Barbosa (Junior 1 - 10º 200 Costas)
- Vitor Henrique Souza (Juvenil 2 - 2º 50 Borboleta)



Foto: Divulgação

Preservar a natureza para salvar o planeta

Na Paraíba, seis parques geridos pelo Estado e protegidos por lei são fundamentais na conservação da biodiversidade, gerando recursos naturais e bem-estar à sociedade

Alexandra Tavares
lekajip@hotmail.com

Fontes de pesquisa, reservatório de importantes espécies da fauna e da flora, atrativo paisagístico e turísticos, reguladores naturais de temperatura. Essas são algumas funções dos parques estaduais para o homem e para o meio ambiente. Protegidos pela legislação brasileira, eles são verdadeiros recortes preservados da natureza dentro dos estados brasileiros.

No Brasil, existem mais de 220 parques estaduais registrados. Segundo a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), na Paraíba, sob a gestão estadual, há 16 Unidades

de Conservação, e seis delas são parques estaduais: “Esses parques absorvem os dois ecossistemas predominantes no Estado: temos parques no bioma Caatinga e no bioma Mata Atlântica”, afirmou Maria Christina Vicente Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema.

Os parques geridos pelo Estado, segundo a Sudema, são o Parque Estadual da Mata Pau Ferro, em Areia; o Parque Estadual da Mata do Xém-Xém, em Bayeux; o Parque Estadual Pico do Jabre, em Maturéia; o Parque Estadual da Pedra da Boca, em Araruna; o Parque Estadual das Trilhas, em João Pessoa; e o Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha, em Cabedelo.

De acordo com a professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Jussara Ellen Morais Frazão, cientista agrária, paisagista e pós-doutora em nutrição de plantas, os parques são imprescindíveis para a conservação da biodiversidade, principalmente das espécies endêmicas e que estejam vulneráveis, sendo considerados relíquias, por apresentarem peculiaridades florísticas, fisionômicas e ecológicas.

“Além de preservar os solos e cursos d’água, a importância da preservação da integridade ecológica desses parques e de suas biodiversidades se estende cada vez mais para a vida cotidiana da sociedade. Somos totalmente de-

pendentes dos recursos naturais em todas as esferas de sobrevivência, e sem eles, nossa vida no planeta passará a ser insustentável”, ressaltou.

Jussara Frazão afirma que essas áreas verdes trazem maior conforto ambiental para a sociedade, amenizando não somente os efeitos da temperatura, mas da poluição sonora e do ar. Ainda há a ação umidificadora do ar que alguns vegetais proporcionam.

Conheça a seguir um pouco mais sobre os parques que estão sob a responsabilidade do Estado, na Paraíba.

Continua na página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Eitel Santiago e suas claras posições

O jurista, professor e escritor Eitel Santiago Pereira (**foto**) tomará posse às 17 horas de amanhã como membro da Academia Paraibana de Letras, onde será realizada a solenidade.

Ele concorreu à cadeira de número 32 da APL, no dia 23 de outubro passado, que teve como último ocupante o crítico e escritor Wills Leal, que faleceu neste ano. O patrono da cadeira é Carlos Dias Fernandes.

A comissão eleitoral foi composta por Luiz Nunes (à sua frente), Chico Pereira e Milton Marques Júnior. Não posso deixar de lembrar que Eitel teve o apoio da presidente da APL, Ângela Bezerra de Castro.

Eitel será saudado por Alexandre de Luna Freire, em nome de todos os acadêmicos. A presidente da APL esclareceu que serão respeitadas as recomendações sobre a pandemia da Covid-19, devendo-se atentar para o distanciamento entre os presentes, com uso obrigatório de máscara.



ca e ex-secretário geral do Ministério Público Federal, Eitel tem uma reconhecida e sólida formação intelectual, tendo escrito e publicado vários livros.

Tem na corrente sanguínea o DNA do seu pai, escritor e historiador Joacil de Brito Pereira, que exerceu a presidência da Academia.

As posições culturais, políticas e jurídicas de Eitel Santiago sempre foram bastante claras.

Por exemplo, no Facebook ele postou que “o Ministério Público Federal é uma das instituições mais respeitadas do Brasil. Tanto pelo seu combate à corrupção, quanto pela luta em favor dos direitos dos brasileiros. Muito me orgulha ter, por 33

anos de minha vida, participado de sua construção e desenvolvimento” das instituições mais respeitadas do Brasil. Muito me orgulha ter, por 33 anos de minha vida, participado de sua construção e desenvolvimento”.

Eitel Santiago é graduado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (em 1976) e Mestre em Constituição e Sociedade pelo Instituto Brasiliense de Direito Público (2014).

Professor da UFPB desde 1991, ele ministra as disciplinas de Ciência Política, Direito Constitucional e Direito Penal.

Foi membro do Ministério Público Federal no período de 1º de outubro de 1984 a 2 de outubro de 2017.10/2017. Aposentou-se no cargo final da carreira do MPF.

Eitel assumiu a subprocuradoria geral da República, tendo oficiado nessa condição, em processos cíveis do Supremo Tribunal Federal e criminais do Superior Tribunal de Justiça. Atualmente é advogado inscrito na OAB/PB.

Somos únicos?



Eu e outros, no mundo inteiro, não atendemos com nossos textos nos jornais aos desejos de um tema único (política ou arte, por exemplo) e até do retrocesso. Isto integra e entrega parte de minhas insinuações culturais na coluna “Essas coisas”.

Os terrestres, mesmo com o calendário informando que este é o 20º ano do 21º século, continuam - passado tanto tempo, tantos espaços, tantas guerras, tantas raças - apostando na superioridade de sua realidade, na mesma

proporção em que são mantidos os dogmas de cada religião. Não acho que devemos nos considerar inferiores. Mas, escolher o conceito de unicidade é uma opção pela superioridade. Por que sermos únicos? Qual a razão, a lógica, as vantagens? É conhecimento, é ciência, é fé?

O infinito não é somente para frente. Se o infinito não tem fim, é porque não teve princípio. Assim, natural é fechar os olhos, dormir com tranquilidade e sonhar em direção à estrela 47 Ursae Majoris.

▶▶▶ Continuação

Fotos: Roberto Guedes



Da esquerda para a direita, imagens dos parques Pedra da Boca, Xém-Xém, Pau-Ferro, Pico do Jabre, Trilhas e Areia Vermelha: beleza, preservação da natureza e proteção à biodiversidade

Saiba mais sobre os parques estaduais e planeje passeios

Das águas do Atlântico às formações rochosas no Agreste, programe-se para desbravar a natureza paraibana

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

■ Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha (PEMAV)

Com águas calmas, transparentes e mornas, o Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha (PEMAV) é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, situado na costa do município de Cabedelo, Área Metropolitana de João Pessoa. Ele oferece vários atrativos aos visitantes.

Segundo Maria Christina Vicente Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, o parque de Areia Vermelha é uma área de 231 hectares, apresentando vários diferenciais. “É uma região cuja especificidade natural a diferencia de outras áreas, pois abriga recifes de corais. Isso, associa ao local uma significativa biodiversidade marinha”, frisou.

Ela conta que, estudos realizados na região identificaram pelo menos nove espécies de corais, nove tipos de esponjas-do-mar, 41 de moluscos, 31 de crustáceos, 55 de peixes, entre outros grupos da fauna recifal.

A área é uma das opções de atrativos turísticos da Paraíba, podendo ser realizado turismo ecológico e contemplação de beleza cênica. Ainda é liberada a prática de esportes tais como caiaque e mergulho com snorkel. Todas as atividades devem respeitar as normas ambientais para não afetar as espécies da fauna e da flora.

O Parque foi criado a partir do Decreto nº 21.263, em 28 de agosto de 2000.

■ Parque Estadual Mata do Pau-Ferro

Inserido numa área de 607 hectares na cidade de Areia, Brejo paraibano, o Parque Estadual Mata do Pau-Ferro é considerado um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica do Nordeste, representando 1% da floresta dos brejos de altitude ainda existente no estado.

O Parque disponibiliza aos visitantes quatro trilhas regulamentadas pela legislação estadual que são: a Trilha de Boa Vista, com 6 km; Trilha dos Miguel, com 3 km; a Trilha Barragem de Vaca com 10 km, e a Trilha do Cumbe, com cerca de 400 metros. Ao percorrê-las, é possível admirar e sentir o perfume das bromélias e orquídeas representadas por 30 espécies.

O Parque Estadual Mata do Pau-Ferro, foi adquirido pelo Estado da Paraíba, em 1937, por meio do Decreto 14.832, de 1ª de outubro de 1992, se tornando uma Unidade de Conservação de

domínio estadual. O parque ocupa o Sítio Vaca Brava e foi recategorizada como parque estadual através do decreto nº 26.098, de agosto de 2005.

■ Parque Estadual da Pedra da Boca (PEPB)

O Parque Estadual da Pedra da Boca (PEPB) é composto por gigantes formações rochosas que estimulam a imaginação dos visitantes e fazem referência à elementos da realidade humana. O próprio nome do local está associado à uma rocha de aproximadamente 336 metros de altura, que apresenta uma cavidade semelhante uma boca aberta.

Outra formação rochosa bastante visitada no Parque é a Pedra da Caveira, que se assemelha a um crânio humano. Próximo a ela, está a Pedra da Santa, também conhecida por Pedra do Letreiro, por causa das pinturas rupestres que lhe foram impressas.

A área da Pedra da Boca conta com a proteção de um guardião, Francisco Cardoso de Oliveira, conhecido por Seu Tico, que trabalha há 63 anos como guia do local, e já testemunhou várias etapas da fundação do Parque. “Uma das primeiras medidas tomadas para a criação do Parque foi a desapropriação de 157 hectares de terra. Hoje, as 18 famílias residem em uma pequena comunidade chamada Água Fria”, contou.

O parque foi criado pelo Decreto Governamental Nº 20.889 de 07 de fevereiro de 2000.

■ Parque Estadual Pico do Jabre

Para os aventureiros que desejam alcançar o ponto mais alto da Paraíba, basta visitar o Pico do Jabre, com 1.197 metros de altitude, situado na Serra da Borborema, entre os municípios de Mãe D’água e Matureia, Sertão paraibano. Com um território de 851 hectares, o Parque Estadual do Pico do Jabre é reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) como uma das maiores fontes de pesquisas biológicas do país. O local, resguarda árvores típicas da mata úmida e elementos da Caatinga.

Possui formações rochosas com pinturas rupestres, espécies raras da fauna como a Penelope jacucaca (jacu-caca), que está inserida no livro vermelho de espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção.

A Unidade de Conservação foi criada pela Lei 9.985/2000, que em seu Art. 11 define a Categoria Parque Nacional com o objetivo de preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, e o desenvolvimento de atividades de educação, de re-

criação em contato com a natureza e o turismo ecológico.

■ Parque Estadual Mata do Xém-xém

O Parque Estadual Mata do Xém-xém, situado no município de Bayeux, é uma das Unidades de Conservação mais importantes de Mata Atlântica da Paraíba. Segundo Maria Christina Vicente Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, é caracterizado por vegetação típica de Mata de Tabuleiro e na sua Zona de Amortecimento há importantes vertedouros d’água, como as nascentes do rio Marés, que abastece parte de João Pessoa.

O nome “Xém-xém”, está associado a uma espécie animal conhecida como “marreca-caneleira”. O Parque é utilizado para visitação e contemplação de beleza cênica, onde existem várias trilhas utilizadas por escoteiros e estudantes. Nos passeios, os visitantes podem aprender sobre os recursos hídricos e espécies do Bioma Mata Atlântica.

Quando bem organizadas e monitoradas, essas visitas podem despertar consciência ecológica. “Os Parques podem contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidir e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, junto as instituições de ensino”, destacou a professora da UFPB, Jussara Ellen Moraes Frazão, cientista agrária e paisagista.

O parque foi elevado à categoria de Unidade de Conservação (UC) pelo Decreto Estadual nº 21.252 de 28 de agosto de 2000.

■ Parque Estadual das Trilhas

O Parque Estadual das Trilhas está situado em João Pessoa, nas proximidades do Centro de Convenções. De acordo com Maria Christina Vicente Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, essa Unidade de Conservação é o maior fragmento de Floresta Atlântica em área urbana da cidade de João Pessoa.

“O Parque ajuda a criar um corredor ecológico envolvendo o empreendimento Polo Turístico Cabo Branco. É utilizado para turismo de aventura, principalmente, para prática do ciclismo e mountain bike”, acrescentou.

O Parque das Trilhas ainda garante a conservação das porções dos rios Cuiá, Jacarapé, Aratú, Mangabeira, Mussuré, e dos riachos Estivas e Sanhavá, inseridos dentro do seu limite e na sua Zona de Amortecimento. O local é fonte para pesquisas científicas, sendo utilizado também para o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Mercado informal e burocracia corrupta

O filme brasileiro “O homem mau dorme bem”, de Geraldo Moraes, e “Homem mau dorme bem”, do japonês Akira Kurosawa, têm algo em comum além dos títulos. A obra do brasileiro foi produzida em 2009, financiado pelo Programa Petrobrás Cultural, no recente passado onde o governo central não tinha ainda essa sanha de destruir a produção de arte e cultura no país. Em um posto de gasolina perdido numa estradinha extraviada nos confins do Mato Grosso, três personagens se encontram: “Rita, a dona do posto; Wesley, um rapaz que vende CDs de origem duvidosa; e Caburé, um homem que não dorme há cinco anos à espera de resgatar um passado de vida e morte. Sem saber, eles têm em comum um passado cuja revelação mudará suas vidas para sempre”, conforme anuncia a sinopse.

Em 1960, o diretor japonês Akira Kurosawa filmou “Homem mau dorme bem”, cujo roteiro falava de corrupção no meio das grandes empresas e setores públicos, escancarando as falhas da justiça no Ja-

pão. Uma espécie de “Lava Jato” oriental com pitadas de tragédia particular. Um homem procurando vingança para seu pai, assassinado por ordem dos dirigentes da empresa imobiliária metida em fraudes.

No posto de gasolina do filme de Geraldo Moraes, passa o caminhão levando o “progresso”, o Fiat Uno carregando o operário, o carrão do dono da grande empresa, a Kombi do “alternativo” e a motoquinha do cara que ficou à margem da concentração de renda e vive de bicos. É uma representação do mundo capitalista terceiro-mundista, entremeadado com dramas pessoais.

Não vi ainda o filme do japonês. Li o argumento. No longa brasileiro atua o paraibano Luiz Carlos Vasconcelos, filho de Umbuzeiro, conterrâneo do jornalista e genial embusteiro Assis Chateaubriand, paraibano “Rei do Brasil”. Dominou a comunicação, influenciou o poder, foi o bambam do país. Virou ícone, simbolizou uma época iniciante do poder da comu-

nicação de massa. Inventou a televisão brasileira e foi modelo para o poder dos Marinho da Globo. Comunicação e controle, domínio e dominação através da mídia. Uma cidadezinha no Paraná recebeu o nome de Assis Chateaubriand em 1966. Antes, o município foi batizado de Tupãssi.

Uma coisa liga à outra. No filme de Geraldo Moraes, o vendedor de CD pirata, representa a economia informal, o cara independente, aquele “empreendedor” alternativo que só se ferra. Quero declarar solenemente que sou a favor da pirataria. Esse furto desqualificado é forte por causa do alto preço do produto em lojas. Pessoas de baixa renda que não comprarem o produto pirata não vão comprar o produto original. A música é um valor cultural que pertence à humanidade, mas hoje é alvo de negócio mais do que suspeito das grandes corporações fonográficas. Nunca alguém viu as planilhas de custos da indústria fonográfica. Portanto, ninguém sabe o quanto vale realmente um CD. O artista, esse sempre sai perdendo.

A “voz do dono” tem uma longa história de exploração do “dono da voz”. Se bem que, atualmente, CD já foi descartado, virou peça de museu.

A suspeição das grandes corporações industriais, essa continua girando impunemente dentro do carrossel infame da máquina estatal, incluindo o poder judiciário. É disso que fala a obra de Akira Kurosawa. Sobre o tema, vi o filme “A Lavanderia”. Lavagem de dinheiro e evasão fiscal é o assunto. No fim, aparece a famosa Odebrecht, estrela da nossa tragédia recente na “delação do fim do mundo” da Lava Jato. O epílogo dessa farsa mostra o juiz demolidor do império das grandes construtoras virando consultor de empresa norte-americana especializada em refazer impérios decaídos, incluindo a Odebrecht. Voltando para o posto de gasolina de beira de estrada retratado no filme de Geraldo Moraes, é algo assim como o borracheiro que espalha grampos na estrada para depois remendar os pneus furados dos automóveis.

Foto: Pixabay



Além da perda de peso, a cirurgia também permite a remissão de doenças associadas à obesidade

Tudo o que você precisa saber sobre a bariátrica

Aumento dos casos de obesidade no Brasil evidencia a necessidade de se discutir a acessibilidade à cirurgia de redução de estômago, que pode ser garantida pelo SUS

Bárbara Correa
Agência Estado

Se você precisa saber sobre cirurgia bariátrica:

Dados da última Pesquisa Nacional de Saúde mostram que a obesidade em adultos brasileiros mais que dobrou nos últimos anos. O estudo, feito em 2019 e divulgado em outubro deste ano, revelou que 26,8% da população com mais de 20 anos é considerada obesa, enquanto o percentual era de 12,2%, há 16 anos.

“A obesidade acomete também doenças como hipertensão arterial, diabetes tipo 2, apneia do sono, dislipidemia, doenças coronarianas e cardiovasculares”, explica o cirurgião, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica, Alcides José Branco Filho.

O aumento da prevalência da obesidade no Brasil evidencia a urgência de se falar sobre a doença e, principalmente, a acessibilidade ao tratamento, que também pode ser garantido pelo SUS. Confira tudo que

“A obesidade leva também a doenças como hipertensão arterial, diabetes tipo 2, apneia do sono, dislipidemia, doenças coronarianas e cardiovasculares”

O que é
A cirurgia bariátrica é o tratamento para a obesidade, que reúne um conjunto de técnicas de diminuição do estômago, destinada a reduzir o peso, quando as atividades físicas não causam mais efeito, necessitando de uma intervenção médica.

Além da perda de peso, o procedimento, que é reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina, também apresenta remissão das doenças associadas, que foram listadas acima.

Pré-operatório
Alcides afirma que a obesidade precisa ser constatada por um médico endocrinologista e explica quais são os cuidados antes da cirurgia. “É necessário realizar uma série de exames, incluindo endoscopia digestiva, ultrassom abdominal, exames laboratoriais e ser avaliado pelo cirurgião, cardiologista, psicólogo e nutricionista”, diz ele.



Quem pode se submeter à cirurgia?

“Estão aptas para a cirurgia pessoas com Índice de Massa Corporal (IMC) acima de 40 kg/m², independente da presença de comorbidades; pessoas com IMC entre 35 e 40 kg/m² com comorbidades; e indivíduos com IMC entre 30 e 35 kg/m² na presença de comorbidades que tenham obrigatoriamente a classificação grave atestada por um médico”, diz o cirurgião.

Quanto à idade, o procedimento é indicado para pessoas entre 18 e 65 anos. Entre 16 e 18 anos, apenas quando houver indicação e consenso entre a fa-

mília, equipe multidisciplinar e o paciente.

Acima de 65 anos os casos são avaliados de forma individual, considerando o risco cirúrgico, a presença de comorbidades, expectativa de vida e os benefícios do emagrecimento.

Contraindicação

As situações que o paciente não deve realizar o procedimento cirúrgico são:

- Deficiência intelectual significativa.
- Sem suporte familiar adequado.

■ Quadro de transtorno psiquiátrico não controlado, incluindo uso contínuo de álcool ou drogas ilícitas.

Riscos

Segundo Alcides, a cirurgia bariátrica apresenta cerca de 1% de índice de risco. “Via de regra, as complicações são relacionadas à quantidade e gravidade das doenças associadas e, por isso, o cirurgião solicita uma série de exames, como endoscopia digestiva, ultrassom abdominal e exames laboratoriais ao paciente no pré-operatório”, afirma.

Principais vantagens do procedimento

- Perda de peso
- Melhora do diabetes
- Melhora do colesterol
- Melhora da insuficiência cardíaca
- Reduz o risco de mortalidade e morbidade
- Melhora da autoestima

Valor

Para quem tem convênio médico, existem planos que fazem a cobertura integral do preço da cirurgia, que pode chegar a aproximadamente R\$ 40 mil, e outros cobram uma porcentagem do valor gasto.

Pelo SUS

“Pacientes que pretendem recorrer ao SUS devem procurar o Posto de Saúde e ter esgotado as possibilidades de

tratamento clínico da obesidade (com medicamentos e alterações comportamentais) e cumprir com os requisitos impostos pelo Ministério da Saúde”, explica o médico. Os critérios são:

- Idade mínima de 16 anos
- IMC maior ou igual a 40
- IMC 35 e comorbidades comprovadas por laudo médico

Depois disso, a pessoa será encaminhada para o preparo pré-operatório, que inclui acompanhamento psicológico, nutricional e avaliação médica com especialistas. Em média, o tempo de espera para a cirurgia é de 6 meses a 4 anos, podendo aumentar de acordo com o sua cidade e estado.

Pós-operatório

O tempo de recuperação, no

caso da cirurgia minimamente invasiva, costuma ser de quinze dias. Cirurgias abertas requerem maior tempo de recuperação. É fundamental que o indivíduo siga todas as instruções da equipe e do seu nutricionista, que, no início, indicará uma dieta líquida, evoluindo gradualmente para a pastosa, com alimentos cremosos e depois sólida, com comidas mais consistentes.

“Pacientes bariátricos possuem uma dieta própria que foca prioritariamente no consumo de fontes de proteína (animal ou vegetal); na suplementação de vitaminas e minerais; e carboidratos simples e complexos. A atividade física regular também é parte fundamental do sucesso do tratamento no pós-operatório”, explica o cirurgião.

Foto: Fotos Públicas



Obesidade entre adultos brasileiros mais que dobrou nos últimos anos. Hoje, 26,8% da população com mais de 20 anos são considerados obesos

Tipos da intervenção

Existem duas técnicas: o bypass gástrico e a gastrectomia vertical, conhecida também como sleeve. O critério de qual tipo de cirurgia deve ser realizada ocorre após avaliação médica.

“Ambas as técnicas podem ser feitas de forma minimamente invasiva, em que o procedimento é feito por pequenas incisões, por onde passam as cânulas e a câmera de vídeo. O principal benefício da videolaparoscopia é a melhor recuperação do paciente”, explica o cirurgião.

CONFIRA COMO FUNCIONA O PROCEDIMENTO CIRÚRGICO:

■ Bypass gástrico

Neste tipo, o cirurgião grampeia parte do estômago, que reduz o espaço para o alimento, e cria um desvio no intestino inicial, o que provoca o aumento de hormônios responsáveis pela saciedade. “A técnica representa cerca de 75% de todas as cirurgias bariátricas do mundo”, afirma Alcides.

■ Sleeve

Também chamado gastrectomia vertical, o estômago é transformado em um tubo com capacidade de 80 a 100 ml. Diferente do bypass, não há desvio intestinal.



Fotos: Divulgação

Algodão orgânico na PB já é produzido por 327 famílias

Safra deste ano deve chegar a 280 toneladas e projeto contribui para o desenvolvimento sócio-econômico de agricultores

Renato Félix
Especial para A União

Em 2015 eram cinco famílias em um município. Hoje são 327, em 60. Essa é a medida visível do crescimento da produção de algodão orgânico na Paraíba, que tem proporcionado desenvolvimento sócio-econômico para famílias do Semiárido. São os frutos de um projeto que fez renascer esse cultivo na Paraíba. A parceria composta pelo setor produtivo, a academia e o governo, estabelecendo

a tríplice hélice para o desenvolvimento regional, tem garantido o funcionamento do fluxo de plantio, venda e pagamento aos agricultores. A safra deste ano ainda não foi totalmente colhida, mas a última atualização soma 270 toneladas de algodão em rama (com caroço), somando R\$ 648 mil pagos aos plantadores – a expectativa é, ao final, passar das 280 toneladas. O projeto se tornou viável porque a indústria Textil Norfil S/A garantiu que a produção dos agricultores seria efetivamente comprada

e porque os parceiros como a Cooperativa CoopNatural, o Governo do Estado da Paraíba, por meio da Empaer, Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB) e a Embrapa Algodão acreditaram no potencial e apoiaram a implementação das ações. Nessa trajetória, outras entidades importantes estarão agregadas nos próximos meses como o Banco do Nordeste, o Banco do Brasil, o Sebrae e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa).

“A parceria com a Norfil foi fundamental”, conta May-

sa Motta Gadelha, que coordena o projeto. “Ariel Horovitz é um empresário jovem que, com o olhar no futuro da indústria têxtil e no futuro do planeta, resolveu investir para que a empresa dele vendesse um fio que fosse plantado no Brasil, na agricultura familiar, e que preservasse não só a saúde das pessoas, mas a saúde do planeta”.

“A Norfil compreendeu que precisava ser um parceiro”, complementa Vlamincck Saraiva, engenheiro agrônomo, extensionista da Empaer e atualmente assessor

técnico da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB), além de coordenar o projeto com Maysa. “E não só uma relação comercial com os agricultores, simplesmente comprar e vender. E a Norfil tem uma articulação muito importante com o elo final da cadeia produtiva. Que é o mundo da moda”.

Para Maysa, além da consciência social e ambiental, essa questão financeira já é mais relativizada. “O agrotóxico também é muito caro”, reflete. “Quando a gente vê essas aplicações de avião de

agrotóxico naqueles grandes campos de algodão, aquilo tem um custo altíssimo – não só para o meio ambiente como também para o bolso do empresário que está ali fazendo a aplicação”.

Nesse ponto, a origem do produto e como ele é produzido acaba agregando um valor conceitual que está ficando cada vez mais requisitado. “A sociedade tem percebido que não dá mais para agredir tanto a natureza”, afirma Saraiva. “Até os sistemas convencionais de produção já estão mudando”.

Parceria permitiu o começo do projeto

O ponto de partida foi o encontro entre Maysa Motta Gadelha, já de longa estrada na labuta do algodão colorido, e Ariel Horovitz, que demonstrou o interesse da Norfil em comprar essa produção que ainda nem existia, com Vlamincck Saraiva, então na direção técnica do que hoje é a Empaer. O passo seguinte foi levar o projeto aos agricultores e convencê-los a plantar o algodão de forma sustentável, apresentando algumas garantias com que a empresa concordou: preço justo acertado antecipadamente, garantia da compra, logística para o escoamento da produção e o processo de certificação.

Além disso, a Empaer leva outras políticas públicas, como o crédito rural.

“A cultura do algodão faz parte do desenvolvimento do nosso estado. Falar de algodão – principalmente para os agricultores mais experientes – é falar de um passado bom, onde o agricultor viveu momentos muito prósperos”, diz Saraiva. “É uma lembrança muito positiva. Quando a gente levou para ele a possibilidade de voltar a trabalhar com algodão, não teve muitos obstáculos”.

“A Empaer está em todos os municípios do Estado da Paraíba”, conta Maysa Gadelha. “E os técnicos são altamente comprometidos com

a agricultura familiar. Eles percebem esses agricultores que seriam invisíveis se a gente estivesse trabalhando de modo superficial, não tão capilarizado. A Empaer percebe, conhece esses agricultores, e a gente começa a trabalhar em todos os recantos do Estado da Paraíba”.

Chegar junto aos agricultores de todos os municípios paraibanos, sobretudo dos menores, além de resultar na expansão contínua do projeto, ajuda as cidades. “Esse ano, com essa colheita, foi dinheiro direto pra cidades como Coxixola, Olho d’Água... O fortalecimento dos pequenos municípios é importantíssimo

também”, afirma Maysa.

Vlamincck Saraiva, hoje, integra os quadros da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, que faz parte, com outras entidades, do Instituto Casaca de Couro, dedicado ao desenvolvimento do projeto do algodão orgânico na Paraíba – e do qual Maysa Gadelha é presidente, e Saraiva é vice. “A Fapesq, no seu planejamento estratégico, tem uma abordagem que é o desenvolvimento regional sustentável. E trabalha os arranjos produtivos locais e o algodão faz parte desse processo. A gente trabalha captando recursos para investimento na área de ciência e tecnologia”, explica.



Tinta para jeans é o próximo passo

A atuação do projeto foi detalhada por Maysa Gadelha e Vlamincck Saraiva no “Horizontes da Inovação”, programa de comunicação pública veiculado no canal da Fapesq no YouTube (<https://bit.ly/2WpGZuC>). A conversa com a jornalista Márcia Dementshuk continua disponível. A dupla adiantou até um projeto futuro sobre a produção do corante indigo, para tingimento de jeans.

“O indigo é o corante mais consumido no mundo e é quase totalmente impor-

tado da Índia e ele será a nossa próxima agregação de valor ao projeto do algodão orgânico”, disse Maysa, na live. “Esse corante é extraído de uma planta chamada anileira, nativa aqui da Paraíba. Está nos campos de algodão naturalmente”, completa Saraiva.

A pesquisa será desenvolvida com o Instituto Nacional do Semiárido (Insa). Se der certo, a fibra e o pigmento serão coletados juntos – e de maneira natural, atendendo a uma demanda que vai crescendo.

“Essa pandemia tem um fator ambiental seríssimo, né? O que causou esse descontrole

foi uma das causas do início da pandemia do coronavírus. Então o mundo está tendo essa consciência de prestar mais atenção nas pessoas, no consumo e no planeta”, analisa Maysa Gadelha. “Se você consome um produto que faz mal às pessoas e ao meio ambiente, você não está sendo uma pessoa correta. Então todo esse conceito agora está mais forte e está fortalecendo também o produto e o empresário. Hoje todo o mercado está procurando o algodão orgânico. Principalmente o mercado nacional que busca o algodão orgânico brasileiro”.

+ Aproveitamento

O plantio de uma nova safra é feita a partir de sementes selecionadas da safra anterior. “A partir do momento em que a gente faz o processamento, em que a gente separa a fibra do caroço, a gente tem tudo sinalizado em termo de áreas”, explica Maysa Gadelha. “Onde foram as áreas que tiveram o maior rendimento, a maior produtividade, que deu um algodão melhor e tudo o mais”.

Este ano, o algodão colhido no Vale do Piancó, sob a gerência da Empaer de Itaporanga, foi o produto que se saiu melhor. “Então nós separamos a semente daquela área, que será plantada em 2021, e o restante é tratado e é vendido como caroço”.

O caroço é vendido para alimentação animal, sendo uma proteína muito potente para a produção de leite. “Vendemos esse caroço para produtores de leite orgânico ligados a empresas como a Nestlé”, conta. “O ator Marcos Palmeira tem também na Bahia uma fazenda onde ele cria um gado verde, então estamos comercializando para lá também. A gente preferiu alimentar essa cadeia orgânica para fortalecê-la, para que mais pessoas trabalhem com ela no Brasil”.


PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M & A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTIPILEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Arte: Tonio

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Maestrina, professora, musicista, mãe, esposa e a primeira regente da Orquestra Sinfônica da Paraíba, em 1953. Essa era Luzia Simões Bartolini, uma mulher à frente do seu tempo, que construiu uma família ao mesmo tempo em que perseverou por uma grande paixão: a música. Em seu processo de formação, foi moldada pelos maestros Heitor Villa-Lobos e Gazzi de Sá, tornando-se uma das primeiras paraibanas a se destacar na área da cultura musical. Deixou um legado na docência e na musicalidade que, ao longo do tempo, servem de inspiração para muitos que querem trilhar esse caminho.

A paraibana nasceu em 23 de janeiro de 1911, em Araçagi, então distrito do município de Guarabira. Aos 15 anos de idade, apaixonou-se pela música e começou a estudar canto orfeônico e piano com Gazzi de Sá. Porém, uma artrite nas mãos a fez desistir do sonho de ser pianista, e Luzia passou a se dedicar ao canto orfeônico e regência, tornando-se assistente de Gazzi.

Com Villa-Lobos, conseguiu uma bolsa para cursar música no Rio de Janeiro, de 1951 a 1954. De 1954 a 1956, foi responsável pelo Departamento de Artes e Cultura da Paraíba, vinculado à Secretaria Estadual de Educação. Lecionou canto orfeônico na Escola Industrial de João Pessoa – hoje IFPB, de 1952 até 1975. Foi secretária executiva e tesoureira da caixa escolar da Escola Técnica de 1964 a 1972, onde atuou como membro do Conselho de Professores entre 1966 e 1967. Foi ainda secretária do Conselho de Representantes da Escola Industrial Federal e assumiu a diretoria da Escola Industrial em 1967, durante as ausências do então diretor Itapuan Bôtto Targino.

Luzia Simões foi docente do Colégio Artístico, uma espécie de segundo grau, vinculado à Escola de Música Anthonor Navarro, e lecionou no Instituto de Educação, escola que fica por trás do Liceu Paraibano. Ao longo de sua trajetória, somou inúmeras obras no IFPB e pela Paraíba. Sua atuação rendeu homenagens em reconhecimento ao trabalho que realizou, entre elas o título de cidadã pessoense, em 1978, ano em que faleceu, vítima de um infarto fulminante, no dia 18 de dezembro.

Entre as demonstrações de admiração e respeito estão ainda duas plaquetas. Uma foi escrita por Maria das Graças Paiva, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), dentro do projeto *Nomes do Século 20*. Luzia foi a única mulher escolhida em meio a nomes ilustres como Anayde Beiriz e Daura Santiago Rangel. Em 2011, no centenário da maestrina, o IFPB lançou uma plaquete biográfica da professora, escrita por Eliane Bartolini de Albuquerque, filha da homenageada, também já falecida. No bairro Jardim Planalto, em João Pessoa, uma escola ganhou o nome da musicista, assim como uma loja maçônica no bairro Altiplano.

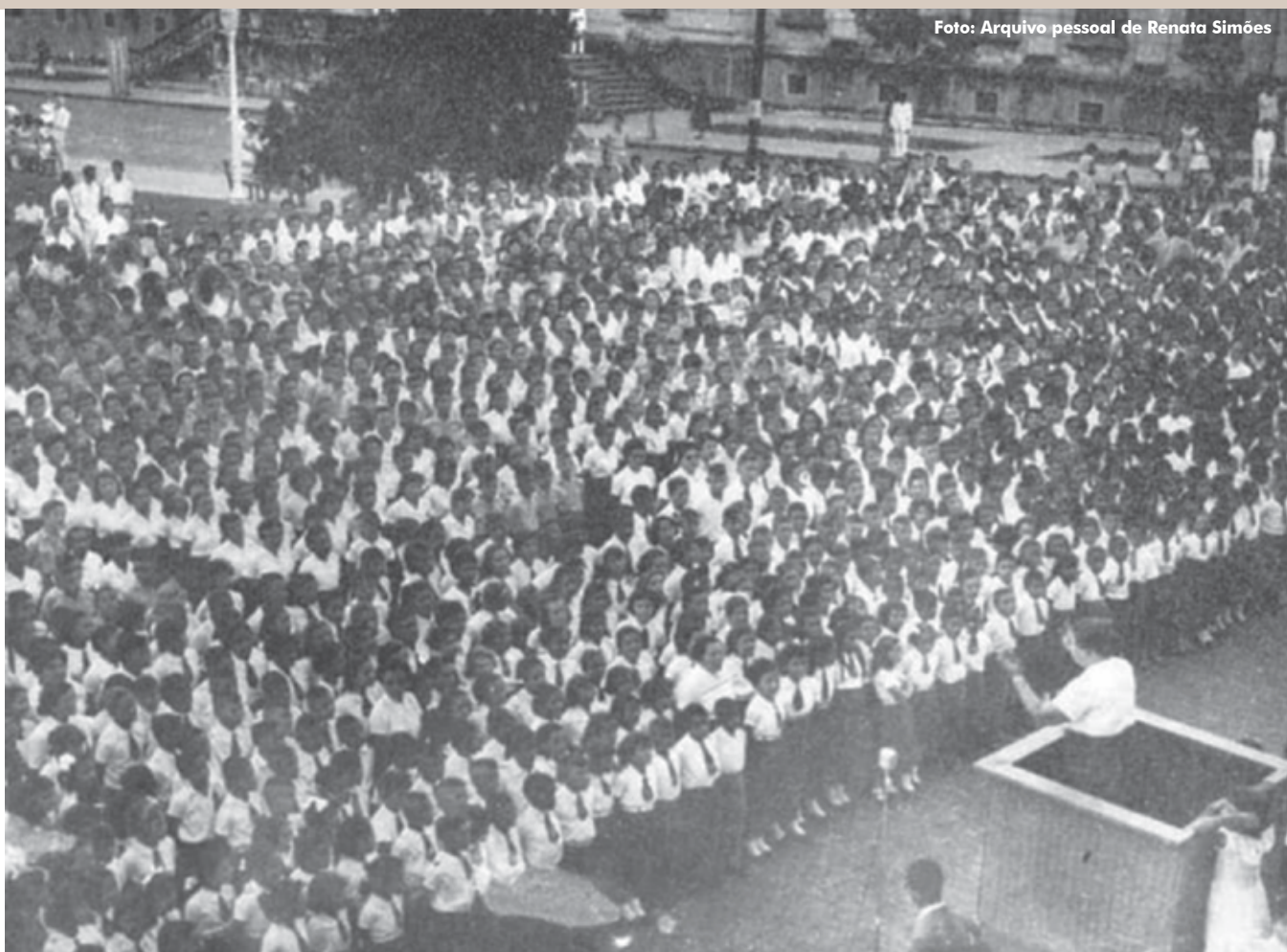


Foto: Arquivo pessoal de Renata Simões

Maestrina Luzia Simões Bartolini regendo um orfeão, ou um coral, com mais de 300 crianças, em frente ao Palácio da Redenção

A genialidade da mulher paraibana

Discípula de Villa-Lobos, Luzia Simões Bartolini é primeira regente da Orquestra Sinfônica da PB e pilar essencial da nossa formação musical

Legado pedagógico para o Brasil

“Luzia Simões foi uma professora que desempenhou um papel muito grande, inclusive em nível de Brasil, porque colaborou com a formação de professores de música no país. Fez um trabalho espetacular”. O elogio é do maestro Luiz Carlos Durier, regente da Orquestra Sinfônica da Paraíba que, antes mesmo de conhecer a musicista pessoalmente, sabia de sua relevância para a música.

“Todas as pessoas com quem me relacionei musicalmente, ou pedagogicamente, sempre comentaram que ela era muito competente, amorosa, que dava uma instrução de altíssima qualidade para seus alunos” relatou Durier. Uma das grandes atuações de Luzia Simões, registrada em fotografia e citada por Durier, é a imagem da maestrina regendo um orfeão ou um coral com mais de 300 crianças na frente do Palácio do Governo.

Para ele, esperar para assistir algum concerto de música de câmara sempre foi um momento emocionante, mas algo chamava a atenção. O maestro Durier recorda que a plateia toda se virava quando Luzia Simões

entrava na Igreja de São Francisco, no auditório da antiga reitoria da UFPB, que ficava na Lagoa, ou no Theatro Santa Roza. “As pessoas diziam: lá vem dona Luzia Simões. Isso, para mim, era uma coisa muito importante porque, se as pessoas diziam isso é porque ela tinha uma importância. Ela era muito carismática e tinha o carinho e afeto de praticamente todas as pessoas que estavam ali presentes”, disse.

Luzia, assim como seu irmão Augusto Simões, foram alunos e professores da Escola de Música, onde ele chegou a ser diretor.

“Eles tornavam a música acessível, ensinavam a música viva, prática, compreensiva, inteligente”, comentou. O maestro não teve uma convivência pessoal com Luzia Simões, mas garante que a admiração é imensa. “Tenho muito carinho pela sua memória, sua figura e pela importância que ela teve com seu trabalho muito competente na formação de músicos, musicistas, pianistas, regentes de coral”, afirmou.



Arte: Tonio

“ANOS LUZ” ALÉM DE SEU TEMPO

Luzia foi uma mulher à frente do seu tempo. É o que afirma a pianista Vólia Simões, sobrinha de Luzia Simões. “Na época em que ela trabalhava, eram poucas as mulheres que se destacavam em qualquer área. Era muito batalhadora, tinha muito amor pela música. Com os políticos, sempre conseguia ajuda para a Escola de Música Anthonor Navarro, fundada por Gazzi de Sá”, lembrou.

Em busca de uma boa formação, Luzia Simões ia sempre ao Rio de Janeiro, onde fazia cursos e isso, conforme observou Vólia, também a tornava diferente entre as mulheres. “As demais não tinham muito acesso a essas coisas naquela época. E ela era muito considerada aqui não só pela parte musical, mas também pela sua personalidade forte e de destaque”, comentou. “Isso representa algo bom e salutar para a família, mas essa representação tem maior validade para o Estado da Paraíba. Foi ela quem levantou essa parte musical no estado junto com meu pai, Augusto Simões”, observou.

Luzia lutou muito para que a escola de música fosse oficial, já que, naquela época, era uma escola particular de Gazzi de Sá. Hoje a escola existe e é do estado, e isso se deve à maestrina que, junto com Augusto, conhecedor das leis, atuou para colocar o ensino de música nas escolas de todo o estado, viajando para outras cidades. “O legado maior dela é em relação ao Estado da Paraíba. A família agradece pelo que ela foi. Infelizmente, muitas vezes, as pessoas esquecem. Tem algumas teses sobre ela, alguém que se propôs a escrever sobre ela, mas não queremos que seu nome caia no esquecimento”, observou.

A violinista Renata Simões, filha de Vólia, sobrinha-neta de Luzia, tinha apenas quatro anos de idade quando a tia famosa faleceu. “Lembro pouco dela, mas sua morte causou um impacto imenso ao meu avô. Ele a amava muito e Luzia foi uma companheira dele na luta pela música no estado”, disse ela, que é membro da Orquestra Sinfônica da Paraíba.

“Para mim, sempre foi motivo de muito orgulho ser sobrinha-neta de uma pessoa como Luzia. Eu fui aluna da Anthonor Navarro e depois, professora de lá por 25 anos, começando aos 15. Sempre foi um orgulho muito grande para mim entrar na escola e dar de cara com a foto de Luzia numa instituição formadora de músicos”.

Para Renata, Luzia deixou um exemplo de luta pela música na Paraíba. “Como segunda geração, para uma pessoa que não a conheceu, mas que fez da sua vida, sua profissão o meio musical paraibano, é de um orgulho, uma força e um incentivo muito grande saber que existe uma energia de continuação. E mesmo que eu não tenha conhecido, de alguma forma eu e minha mãe somos o legado dela, fazemos parte dessa estrutura que ela deixou”, comentou.

“Minha mãe tinha quatro paixões na vida: a primeira, a maior delas, a família, sempre foi dedicada; em segundo, a música; em terceiro, a espiritualidade kerdicista, com um trabalho social fabuloso; e em quarto a maçonaria”, comentou o filho de Luzia Simões, Edgard Bartolini Filho. A musicista casou em 1944 e teve dois filhos, Eliani, em 1945, e Edgard, em 1947.

Ele lembrou que o último trabalho feito pela mãe na área de música foi no governo de Ivan Bichara. Luzia foi designada para compor a comissão que tratou da reformulação do hino da Paraíba. Morreu um mês antes de apresentar o relatório final.

Edgard procurou seguir os passos da mãe no mundo da música e estudou violoncelo durante algum tempo, enquanto cursava Direito. No meio do caminho, ficou difícil conciliar os estudos musicais e da faculdade de Direito, e ele decidiu deixar a música em segundo plano, formando-se advogado. “Eu, hoje, não vivo de música, mas nunca deixei de gostar”, afirmou.

Nas lembranças do filho, ficaram as memórias de uma mãe carinhosa e dedicada. “É até suspeito eu falando isso, mas fico muito emocionado porque sei que o nome dela não está esquecido”, completou.

Foto: Marcos Russo



Filho Edgard com plaquete biográfica do IFPB

VOCÊ SABIA?

■ Além da música, Luzia Simões teve uma pequena participação no teatro com duas peças – ‘Os Irmãos das Almas’ e ‘A Revolução dos Brinquedos’.

Humberto de Campos

Comentarista esportivo com timbre de barítono

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, advogado e radialista Humberto Bezerra de Campos nasceu em 8 de agosto de 1941, em Cuité, na região do Curimataú paraibano, distante 158km de João Pessoa. Ainda criança, veio morar em Campina Grande, cidade pela qual dizia ser eternamente apaixonado. Em 1981, recebeu o Título de Cidadão Campinense. Além de atuar no rádio e escrever coluna para jornal, ele integrou o grupo de assessores da Companhia de Eletrificação da Borborema (Celb) e foi ainda professor do curso de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Humberto de Campos era um comunicador que também se destacava como crítico de cinema. O jornalista Gilson Souto Maior lembra que um comentário de Humberto sobre qualquer filme era sinal de casa cheia. "Seu programa radiofônico 'Falando de Cinema' naquela época já tinha uma audiência fora do comum". Temperamental, não levava desaforo para casa e sua língua viperina desferia improperios até contra o Campinense, o time de seu coração, quando este jogava mal.

Para Gilson, Humberto foi um dos nomes, profissionalmente, estratégicos da radiofonia campinense, conservando uma fama que até hoje permanece. "Era um perfeito senhor comentarista, que aplicava português impecável em sua página cotidiana do Diário da Borborema e apaixonava o público da época com uma inigualável voz de barítono, dotada de raríssima frequência e entonação, ao ser ouvido nas rádios Borborema, Caturité e Tabajara, onde trabalhou por muitos anos", disse.

Vivia ligado 24 horas com os microfones e estúdios, devorando livros, notícias e escritos que falavam dos esportes em Campina Grande. Na cidade serrana ele foi atleta de futebol de salão e futebol de campo. Ele mesmo afirmava que viveu no futebol momentos agradáveis jogando pelos times Central da Prata e Estudantes Futebol Clube, tradicionais no amadorismo campinense. Foi goleiro de um dos times de fu-

tebol de salão do Treze e, quando jovem, atuou como arqui-rol de futsal na mesma equipe.

Seu vozeirão ficou conhecido nas rádios Borborema, Tabajara e Caturité. Suas observações na coluna "Jogo Duro", que transmitia diariamente no rádio e escrevia no Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, faziam o ouvinte parar nas ruas ou em casa, para ouvi-lo nos dias de jogos. Os torcedores, atentos às suas colocações, ficavam estáticos para ouvi-lo. Tinham suas palavras como sábias e verdadeiras, sem a pretensão de agradar a ninguém. Era de fala fácil, às vezes contundente, mas autêntica.

O advogado, jornalista e radialista Francisco Nascimento, conhecido por Olé, começou a ter contatos profissionais com Humberto em 1970. Olé era repórter de pista e Humberto era comentarista esportivo da Rádio Borborema. Olé lembrou passagens da vida de Humberto. "Aqui em Campina, ele era

tido como um Imperador da Língua Portuguesa. Nisso aí era um craque. Alguns o chamavam de 'Boca do Inferno' por causa do estilo pesado dos seus comentários. Não poupava ninguém e colocava apelido em muita gente", recordou.

Filiação e morte

Humberto de Campos era filho de Júlio Otaviano Campos e Ana Bezerra de Campos. O jornalista faleceu em 22 de outubro de 2006, aos 65 anos. Deixou viúva Joelma Campos, com quem teve dois filhos, Ricardo e Luciana.

Suas observações na coluna "Jogo Duro" eram transmitidas diariamente no rádio e escritas no Diário da Borborema



Arte: Tonio

+ Personalidade firme no campo e ao microfone

Em 8 de março de 1975, o Botafogo do Rio de Janeiro veio jogar em Campina Grande, durante a inauguração do Estádio Amigão, em Campina Grande. Saldanha, temperamental ao extremo, foi a Campina Grande transmitir o jogo pela Rádio Globo e entrou em discussão com Humberto, quando ambos subiam a escadaria do vestiário. Humberto não se intimidou com o gaúcho e chamou-o de "bundão". A turma do deixa disso evitou troca de murros.

Tempos depois, Saldanha voltou ao Amigão, desta vez para transmitir um Fla-Flu amistoso. Humberto soltou o verbo em cima de Saldanha, afirmando que ele era cúmplice daquele jogo, uma reles operação caça-níquel, planejada para beneficiar um empresário campinense. João respondeu,

através de uma das rádios, que a Gazeta do Sertão, onde Humberto então escrevia, era comparada a um dos menores suplementos dos jornais cariocas. Alguns anos à frente, Saldanha deu um tiro no goleiro Manga, do Botafogo (RJ), por ter falado contra ele, junto com o técnico Yustrick, na época lotado no Flamengo.

Sobrenome

Humberto era, declaradamente, simpaticante do Campinense Clube. Mas, como crítico rigoroso, quando queria "espinaftrar" qualquer dos times, desprezava tal simpatia e urdia seu comentário da forma mais ferrenha possível. Utilizava um português clássico, mas nem sempre. Ele assinou a coluna "Jogo Duro" por alguns anos e a linguagem

se fazia notar um pouco candente e basilar, sem aquelas artimanhas que usava no rádio, onde o estilo era mais direcionado ao povo. Por exemplo: o substantivo "Ludopédio" – designação antiga do jogo de futebol – ele utilizava mais nas crônicas do jornal, com esmero acadêmico.

"Moça Velha" foi um cognome utilizado pelos companheiros do time Estudantes Futebol Clube, uma equipe amadorista do bairro da Prata, para designar Humberto. Na época, ele era solteiro e o mais velho entre todos os atletas. Esquentado por natureza, não se sabe o motivo pelo qual ele não gostava do seu sobrenome, Bezerra. "Certa vez, dirigi-me a Humberto o chamando por este sobrenome e ele me respondeu, através do rádio, que Bezerra era a minha mamãezinha", lembrou Olé.



Foto: Arquivo de Gilson Souto Maior

Na foto, Humberto de Campos jovem (ao centro, de camisa branca), quando atuava como goleiro de futsal do Treze; o jornalista atuou nessa modalidade e também no futebol de campo; já no rádio, como crítico rigoroso, não poupava qualquer time, nem mesmo o Campinense Clube, do qual ele era declaradamente simpaticante

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Feliz Natal!

Estamos prestes a viver o Natal. Infelizmente, as notícias não são animadoras, e a pandemia de covid-19 ainda assusta. O apelo das autoridades, e de quem tem bom senso, é para que as famílias celebrem a tradicional data de forma diferente. Sem aglomeração e talvez até deixando o grande abraço, a troca efusiva de cumprimentos e beijos para depois.

Pelo celular, recebo mais um boletim diário com os números da Paraíba sobre as pessoas contaminadas pelo Sars-CoV-2, vírus causador da atual crise de saúde pública. Leio o informe em uma quinta-feira, quando fico sabendo que mais 20 pessoas morreram. O estado ultrapassou a marca de 3.500 mortes causadas pela doença.

Será um Natal triste para muitas famílias. Além das mortes a vestir os lares de sombra, há o desemprego e a desesperança tomando conta de muitos. Nas ruas, venezuelanos refugiados — como Maria, José e o menino Jesus foram um dia — apelam para nossa solidariedade. Pedem

um pouco de comida, uma ajuda. A exemplo deles, muitas outras pessoas precisam do seu apoio neste fim de ano, para que não atravessem outra noite com o vazio a povoar a barriga. Se procurar um pouco, nos mais diversos sites e blogs, você pode encontrar como ajudá-los.

Escrevo esta coluna logo após sair do trabalho, um hospital público onde atuo como jornalista. A pauta do dia me trouxe um pouco de alento: uma pequena celebração de Natal para animar as crianças internadas. Uma delas vive há mais de cinco anos na instituição. A festa surpresa, organizada de modo voluntário por terapeutas ocupacionais, acende o brilho da esperança em dias melhores. Por alguns momentos, mães e pacientes mirins espalham, como bem falou uma das entrevistadas.

Espalhar, na verdade, talvez seja o verbo que a gente mais precisa agora. Por mais que os dias sejam de luto, preocupação e dor, precisamos espalhar. Mas sem recorrer ao escapismo, pois a realidade exige olhos abertos.



Foto: Pixabay

Mãos perfumadas com álcool em gel. Máscaras no rosto.

No futuro, historiadores escreverão páginas e mais páginas sobre este Natal. Analisarão notícias, artigos, pronunciamentos, pausas,

rostos, fotos da época. Como queremos ser lidos por nossos filhos e netos? Como queremos aparecer nas páginas do amanhã?

Esse tempo ainda está distante, mas um menino refugiado

nasce daqui a pouco. Em algum lar. Na rua. Talvez até mesmo em um antigo abrigo de animais. Oxalá ele também possa nascer em nossos corações! Feliz Natal para todos nós!

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Dalva de Oliveira, a rainha da voz

Dalva nasceu Vicentina de Paula Oliveira, popularmente conhecida como Dalva de Oliveira. Nasceu no dia 5 de maio de 1917, na cidade de Rio Claro, no estado de São Paulo. Faleceu no dia 5 de agosto de 1972, vítima de uma hemorragia interna causada por um câncer no esôfago. Seu corpo está enterrado no Cemitério Jardim da Saudade, na Cidade do Rio de Janeiro.

Dalva de Oliveira foi a mais completa cantora brasileira de todos os tempos. Consagrada cantora brasileira, de ascendência portuguesa, sendo considerada uma das mais importantes cantoras do Brasil, e dona de uma voz poderosa, marcando época como intérprete. Nenhuma outra cantora brasileira antes ou depois dela atingiu o ápice do canto popular, tornando-se o rouxinol do Brasil. Impossível falar de Dalva de Oliveira e não mencionar o nome Herivelto Martins. E não apenas porque os dois protagonizaram um inesquecível barraco, mas porque, tirando a voz e o canto, tudo o mais foi ele quem ensinou a ela.

Herivelto ensinou-a a se vestir, mostrou-lhe como devia postar-se no palco, como olhar e dirigir-se à plateia – e, sobretudo, deu-lhe um repertório tão vasto como fabuloso, que incluía pérolas como "Ave-Maria no morro" e "Segredo". Sim, Herivelto Martins, mais que um marido, modelou Dalva de Oliveira, dando-lhe o figurino que a levou à condição de grande diva da música brasileira – a Estrela Dalva do Brasil. Não ensinou a cantar; nem precisava, porque Dalva de Oliveira já nasceu uma cantora de invejável talento.

Dalva de Oliveira veio de uma família humilde da cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, era filha de um carpinteiro mulato chamado Mário de Paula Oliveira, conhecido como Mário Carioca, e sua mãe uma portuguesa, chamava-se Alice do Espírito Santo Oliveira e fazia salgadinhos e doces para vender e assim ajudar no orçamento familiar.

Seu pai, um mulato festeiro, era marceneiro da Companhia Paulista de Trens e tocador de clarinete. Ele costumava realizar serenatas com amigos músicos, tendo inclusive organizado um conjunto para se apresentar em festas. Além de Vicentina (Dalva) o casal tiveram outras três filhas: Nair, Margarida e Lila. O único filho homem do casal nasceu com problemas de saúde e morreu ainda criança.

Desde cedo Dalva amargou uma infância de poucos brinquedos, embora com muita música. Ela acompanhava o pai nas serenatas, que ficava orgulhoso de ver e ouvir a menina, no alto de um banquinho, cantar como se fosse adulta. Dalva era, por assim dizer, o filho homem – que se chamaria Vicente – que seu Mário Carioca sonhava ter. Foi ele quem ensinou e estimulou a menina a dar bicadas no seu copo de cachaça. Quando Dalva tinha 8 anos, a família sofreu um duro golpe: a morte de Mário Carioca.

Apesar da perda e da tristeza, dona Alice resolveu se mudar para a capital paulista, onde arrumou emprego de governanta na residência de um paulista. As filhas foram para um colégio de irmãs de caridade, o Internato Tamandaré, onde Dalva teve aulas de piano, órgão e dança. A menina permaneceu interna por três anos, mas foi obrigada a sair devido a uma séria infecção nos olhos, que quase a deixou cega. Já em 1935, Dalva se mudou com a família para o Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor. Dalva frequentava o Cine Pátria, onde conheceu seu primeiro namorado, Herivelto Martins, que formava ao lado de Francisco

Sena o dueto 'Preto e Branco', foi terminado o dueto e nasceu o Trio de Ouro. Iniciaram um namoro e, em 1936, com um ano de namoro, Dalva protagonizou um escândalo familiar; pois saiu de casa solteira para viver com o namorado, ainda oficialmente casado: os dois alugaram uma casa e morreu ainda criança.

Herivelto Martins ainda era casado no civil com sua ex-esposa, e a união deles só pôde ser regularizada em 1937, quando saiu o desquite dele. O matrimônio foi realizado somente no cartório, e comemorado em um ritual de umbanda, na praia, já que esta era a religião de Herivelto, embora Dalva fosse católica. A união gerou dois filhos: o cantor Peri de Oliveira Martins, o Pery Ribeiro, e Ubiratan Oliveira Martins.

A união durou até 1947, quando as constantes brigas, traições, crises violentas de ciúmes e humilhações por parte de Herivelto deram fim ao casamento. Matérias mentirosas que difamavam a moral de Dalva, alegando que ela traía o marido e participava de festas imorais, foram publicadas por Herivelto, com a ajuda do jornalista David Nasser no Diário da Noite e na Revista o Cruzeiro. Por ser cantora, sempre era apontada como detentora de moral duvidosa, e sua profissão pesou nas acusações mentirosas.

Estes escândalos forjados fizeram com que o Conselho Tutelar mandasse Peri e Ubiratan para um internato, alegando que a mãe não possuía uma boa conduta moral para criar os filhos, o que a fez entrar em desespero e depressão, aumentando as brigas entre o ex-casal. Os meninos só podiam visitar os pais em datas festivas e fins de semana, e só poderiam sair de lá definitivamente com dezeto anos. Dalva lutou muito pela guarda dos filhos e sofreu bastante por isso. Em 1949, Dalva e Herivelto oficializaram a separação, se desquitando, já que a lei do divórcio ainda não existia no Brasil.

Em 1952, depois de se consagrar mais uma vez na música mundial e eleita "Rainha do Rádio" de 1951, Dalva de Oliveira resolve excursionar pela Argentina, para conhecer o país e cantar em Buenos Aires. Nessa ocasião,

conhece Tito Clemente, que se torna primeiro seu amigo, depois seu empresário e, mais tarde, seu segundo marido, quando Dalva se mudou para Buenos Aires, indo morar na casa de Tito, antes da união oficial.

Dalva não queria mais ter filhos por conta de sua carreira, que tomava muito seu tempo, mas sempre quis ter uma menina. Por isto, adotou uma criança em um orfanato de Buenos Aires e a batizou de Dalva Lúcia Oliveira Clemente. Dalva e Tito, após dois anos morando juntos, casaram-se oficialmente em cartório na Argentina e viveram juntos por alguns anos.

No começo, a união era feliz e estável, e criavam a filha com muito amor e dedicação. Após alguns anos de casamento, o casal passou a viver brigadão, também por conta da carreira de Dalva, que vivia viajando, e de seus filhos, a quem constantemente visitava no Brasil. Isso desagradava o marido, que queria que ela deixasse para trás sua carreira e seu passado no Brasil para viver, exclusivamente, para ele e para a criação da filha, mas Dalva jamais aceitou esta imposição.

Dalva também era uma mulher simples e querida por todos, fazendo amizade com facilidade, mas Tito queria uma mulher fina e cheia de requintes, sempre pronta para atender a todos em cima do salto. Essa grande diferença de temperamentos, que culminou em muitas brigas e humilhações, pôs fim à união do casal no início dos anos 60.

Dalva de Oliveira era uma das grandes estrelas da música brasileira. O Rouxinol do Brasil, como era conhecida, cantou o amor e a dor da solidão. Interpretou canções que, em cada verso, refletiam a intensidade de seus sentimentos. Em cada melodia, as coisas simples da vida ganhavam uma dimensão maior na interpretação de Dalva, a "Estrela do Brasil".

(Por motivos de ordem superior, o autor desta coluna não está podendo publicar textos inéditos, temporariamente. Assim, aproveitamos para relembrar seus artigos mais lidos, como este da edição de 30 de agosto de 2020)

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Segunda Onda

Já há sinais que nós teremos uma segunda onda do Covid no Brasil. Isso seria um assunto que eu não queria tocar mais. Porém, em países como Alemanha, Inglaterra e outras nações começa a ocorrer um fechamento geral não só no comércio, mas também do recolhimento e fechamento das fronteiras.

O que tinha falado na semana passada é uma preocupação maior para rede de hotelaria, incluindo os estabelecimentos em gastronomia, que poderão voltar apenas com o delivery, mais uma vez. Observando, racionalmente, houve muitas falhas de fiscalização e também das pessoas por não acreditarem no poder deste mal tão grave que tem matado muitas pessoas. A esperança é a chegada eficaz e urgente de uma vacina para ter um resultado positivo.

Vamos passar talvez, em 2021, um período pior do que 2020. Será uma fase e um ano de muitas esperas e tentativas de respostas.

Uma das fases mais difíceis vamos viver agora, no Carnaval. Pois, o país não terá sua festa tão desejada. Isso já é um abalo na economia turística muito grande, de maneira

geral, pois mexe com ambulantes, hotéis, pousadas, motéis, restaurantes, taxistas, transportes alternativos, lanchonetes e outros segmentos e profissionais. E mais de 50 cidades no Brasil fazem seu "pé de meia" nessa festividade para sobreviver o resto do ano. É triste, mas uma realidade muito forte e dolorosa.

Não há o que fazer. O jeito é aguardar e reinventar novamente, voltar ao delivery, fazer seu preço atrativo ao cliente, refazer seus custos, manter sua rede social viva, diariamente, com fotografias no feed e stories todo tempo, e pelo menos uma vez na semana mostrar no IGTV (aplicativo do Instagram) o que sua empresa pode proporcionar de melhor neste momento.

Sei que será um momento muito difícil para todos, porém não podemos parar. Temos que seguir, se resguardar em casa com segurança total e saber que tudo isso vai passar. É tempo de já imaginar, o que posso fazer agora para que meu negócio não pare amanhã e possa ser notado em uma nova época difícil.

Juntos vamos vencer. Fé e esperança para todos.

QUENTINHAS

- A noite de Campina Grande (PB) está diferente nesse período natalino. A cidade conta agora com um novo atrativo turístico: o Ônibus Iluminado. Até o dia 3 de janeiro de 2021, de quarta-feira a domingo, os turistas e moradores da cidade poderão admirar os principais pontos turísticos de "camarote", em um percurso de cerca de uma hora, conhecendo a história dos principais monumentos no entorno do Açude Velho. Vale a pena visitar, pois é muito lindo e um passeio para toda a família.

- Um roteiro que você não pode deixar de conferir com sua família é a Vila Sítio São João, de Campina Grande. O local, que traz todo um espaço característico da cultura nordestina, está pela primeira vez com sua programação natalina. Em virtude da pandemia, e a suspensão dos festejos juninos, a Vila Sítio São João fez uma nova roupagem, agregando mais uma opção ao "Natal Iluminado" de Campina Grande. Ficou um local lindo e com atrativo para todas as idades.

- Você já ouviu falar na Bodeguita Sertaneja? Se não, vou te dar essa super dica até para você que está pensando em presentear alguém agora no Natal. Eles têm vários produtos do Sertão e pode preparar uma sacola ou uma cesta natalina de produtos sertanejos de nossa região. Visita o Instagram deles, que é o @bodeguitasertaneja

- Fica ligado nas redes sociais do DoDia Supermercados, pois estarei trazendo receitas deliciosas toda semana no seu canal do IGTV. Preparamos uma série de receitas só para as festas de final de ano. Visita e siga o estabelecimento nas redes sociais, pelo Instagram é @dodia.jp

- O Pão de Açúcar e o Extra estão com encomendas disponíveis para as ceias de Natal e Ano Novo. Pela primeira vez as receitas são assinadas pela Cheftime, marca de gastronomia das redes. As encomendas são presenciais e precisam ser feitas com, no mínimo, 48h de antecedência. Além disso, as entregas são agendadas, a fim de que todos os protocolos sanitários, necessários ao combate à covid-19, sejam rigorosamente observados. Para o Natal, as encomendas podem ser feitas até as 12h do dia 22 de dezembro. Para o jantar de Ano Novo, o prazo é até as 12h do dia 29 de dezembro. No Extra, a ceia completa pode ser adquirida a partir de R\$125,99 e, no Pão de Açúcar, a partir de R\$189,99.

PRATO DO DIA

Tábua de frios Natalina do "DoDia Supermercados"

Ingredientes

- Nata Isis
- Requeijão Isis
- Ervas finas
- Azeite de oliva extra Virgem
- Mix de pimentas do reino para moer na hora
- Azeitonas (preta e verde com caroço)
- 200g de queijo reino Isis
- 200g de queijo gouda Isis
- 200g de queijo parmesão Isis
- 200g de queijo ricota Isis
- 200g de queijo provolone Isis
- 200g de queijo coalho Isis
- 2 Salames Gourmet Seara
- 1 Salame tipo italiano Seara
- 200g de peito de peru Seara fatiado pouco grosso

Modo de preparo

■ Corte todos os queijos Isis da forma como você queira. Faça o mesmo também com os salames e o peito de peru Seara.

■ Para o preparo do patê, acrescente duas colheres de sopa de nata Isis, duas colheres de sopa de requeijão Isis, um fio de azeite, toque de mix de pimenta do reino colorida e ervas finas. Arumar a tábua, ou sua travessa, e pode acompanhar com pães e torradas.



Foto: Divulgação

PITADAS A GOSTO

O salame é originário da Itália. Os camponeses produziam esses alimentos para que pudessem armazená-lo em temperatura ambiente e eles durassem até um ano, sem comprometer a qualidade do produto. Porém, existe um tipo de salame que vem de outro lugar, o salame alemão. A Alemanha reivindica a paternidade do salame. Um açougue alemão afirmou que o salame teria sido inventado pelo povo Lombardo. Esse povo de origem germânica invadiu a Itália no ano de 568 d.C. E, a partir dessa invasão, teria introduzido a técnica da produção de salame na Itália. Porém, vamos deixar essa briga com eles!

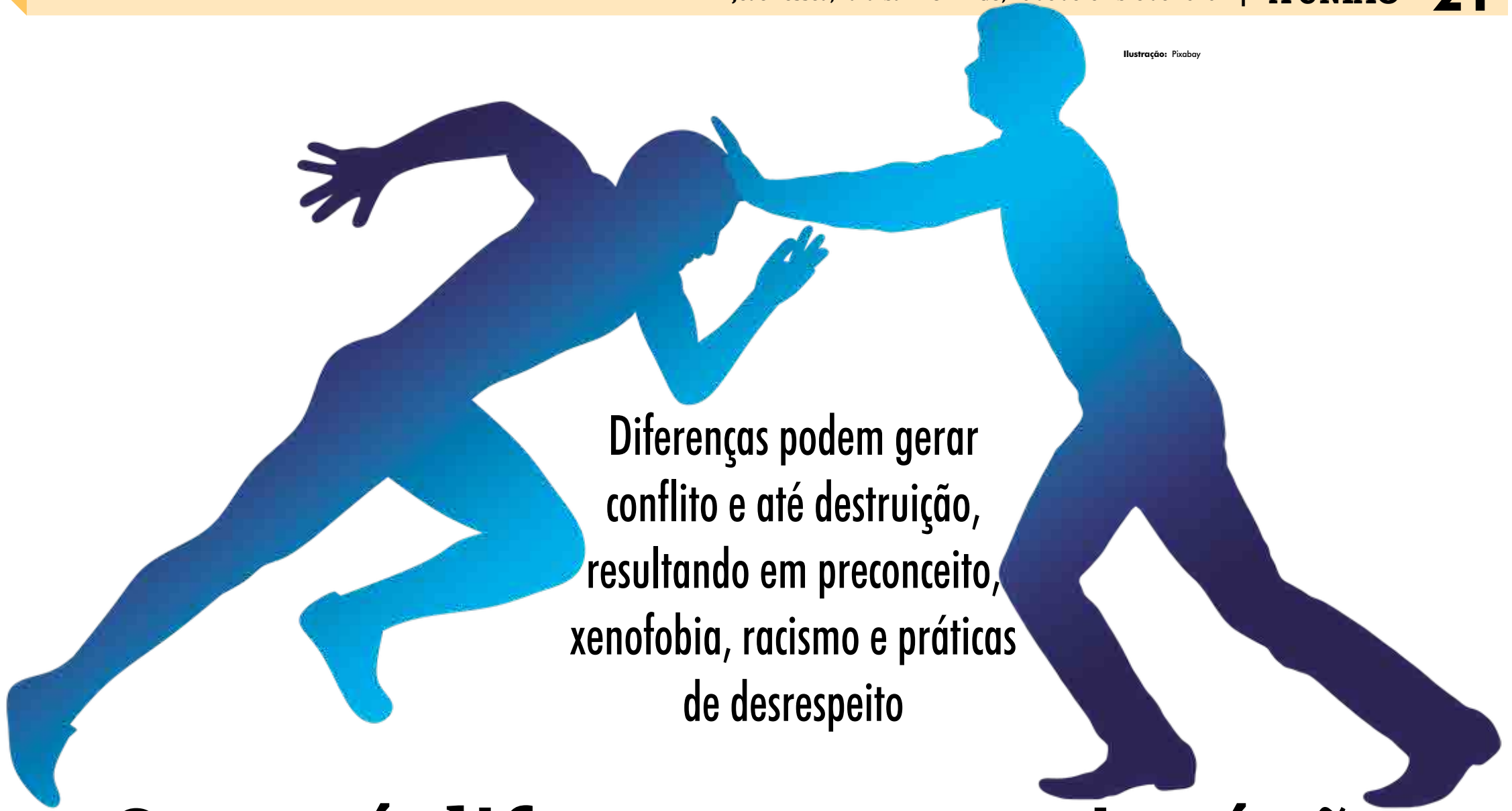


Ilustração: Pixabay

Diferenças podem gerar conflito e até destruição, resultando em preconceito, xenofobia, racismo e práticas de desrespeito

O que é diferente para mim é tão válido quanto o que me é semelhante

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em um jardim, pode-se encontrar flores de várias cores, formatos, tamanhos, aromas, além de uma infinidade de outros vegetais dividindo o mesmo espaço em total harmonia. Essa diversidade da natureza tem a força de estimular os sentidos, a curiosidade dos observadores e ampliar a comunicação, enriquecendo a vida. Pena que entre os seres humanos, as diferenças podem gerar conflito e até destruição. É a intolerância, quando manifestada de forma sutil ou hostil, fere a Declaração Universal dos Direitos Humanos, resultando em preconceito, xenofobia, racismo e outros crimes e práticas de desrespeito.

A psicóloga cognitivo-comportamental Aracelly Marques explica que a intolerância, ou seja, a não aceitação de algo que se opõe a uma outra visão de mundo, não é uma condição nata do indivíduo, ela é aprendida ao longo da vida. A família se

encontra no núcleo básico desse ensinamento. A forma como se educa uma criança tem relação direta com a maneira de como ela vai tratar o que lhe parece diferente.

Um dos pontos cruciais da intolerância, segundo Aracelly, é quando o sentimento de repulsa é manifestado. "Penso que o problema não seja, exclusivamente, o não tolerar, mas a forma como eu externo essa intolerância. Como se os meus valores pessoais tivessem que ser impostos para toda uma população, independentemente de classe, de cultura, de país, de etiologia. Temos de parar para pensar na formação de nossas crianças, porque existem grupos diferentes, isso faz parte da natureza humana do ponto de vista antropológico, e precisa ser respeitado. O que é diferente para mim é tão válido quanto o que me é semelhante".

O respeito ao próximo é um dos valores que deve ser transmitido e defendido pelas atuais e futuras gerações para que haja preservação do equilíbrio do

convívio social. A problemática do preconceito, da rigidez de pensamento, do ódio gratuito ao que parece estranho traz prejuízos individuais e coletivos. Aracelly Marques ressalta que esse sentimento pode adoecer a vítima da agressão, o autor e toda a sociedade.

Quem sofre a intolerância se sente excluído, inaceitável e quem a pratica certamente enfrenta um sentimento que pode adoecer, além de assumir as consequências pelos seus atos. Esse ciclo se estende à coletividade, que assiste aos crimes de ódio. "A sociedade precisa acordar, porque todo mundo sai no prejuízo. Isso é sofrimento social e individual", frisou a Aracelly.

Alder Júlio Freire Calado, doutor em Antropologia e Sociologia do Político, afirmou que a intolerância, em certa medida, tem a ver com a condição humana, "de seres limitados, inacabados". Dependendo do tipo de grupo social ou sociedade, torna-se exacerbada, chegando a um limite quase intransponível de relaciona-

“ Temos de parar para pensar na formação de nossas crianças, porque existem grupos diferentes, isso faz parte da natureza humana do ponto de vista antropológico, e precisa ser respeitado ”

Aracelly Marques

mento amistoso. Calado explica que, nas sociedades de classes, o sentimento de não aceitação tende a ser exacerbado. No caso específico do sistema capitalista, essa tendência é potencializada. "Graças aos condimentos culturais correspondentes à competição desenfreada, sentimento de superioridade, racismo em

diversos níveis, hierarquização extremada, a intolerância ganha seu ápice", salientou.

Nesse contexto, o sociólogo enfoca que esse tipo de sociedade passa a ser terreno "pantanosos" para a manifestação da intolerância, seja em relação a pessoas, seja em relação a grupos ou nações.

Manifestações e combate às expressões de ódio

“ Graças aos condimentos culturais correspondentes à competição desenfreada, sentimento de superioridade, racismo em diversos níveis, hierarquização extremada, a intolerância ganha seu ápice ”

Alder Júlio Freire Calado

O comportamento de oposição à diversidade, segundo Alder Júlio Freire Calado, é manifestado através do preconceito, da discriminação, da estigmatização e

Tal postura, porém, pode ser revertida. Calado ressalta que não é utopia viver em um mundo sem intolerância. Mas a saída viria a médio e

de outras demonstrações de hostilidade. "Trata-se de um comportamento de fechamento ao outro", destacou.

Essa atitude ainda pode ser comparada a uma espécie de "cizânia" ou "joio" potencialmente presentes nas relações interpessoais, grupais e de sociedade, sendo o estopim para expressões de barbárie, negacionismo e estupidez, com sinais de desfiguração da condição humana.

longo prazo, e partiria do trabalho de base a ser retomado pelos principais sujeitos sociais de transformação: organizações de base, movimentos sociais populares, associações, cooperativas, entre outros, constitutivos das forças repletas de transformação desse quadro.

Psicologia

A saúde mental dos indivíduos também precisaria ser buscada. A psicóloga clínica em terapia cognitivo-comportamental Janaína Ferreira afirma que o indivíduo intolerante precisa de ajuda profissional. Quando convicto de suas más atitudes, ele pode se disciplinar e passar a considerar comportamentos mais sociáveis como empatia (se colocar no lugar do outro) e assertividade, falando sobre temas difíceis, sem impor a opinião para tentar convencer o outro. Mas para partilhar e

também preservar o direito do próximo.

"Parece fácil fazer uma escuta ativa, porém existe uma dificuldade, porque há um conjunto de crenças, não percebido claramente pelo indivíduo, que tende a uma tomada de decisão inconsciente, viés cognitivo de confirmação, que impede a ampliação do campo de visão das pessoas", frisou Janaína.

A psicóloga Aracelly Marques acrescenta que a mudança pode ser feita desde a educação de base, por meio de um ensino que permita percepções amplas de mundo.

Por outro lado, o adulto intolerante, que não se atém ao mal que causa à sociedade, e continua praticando a intolerância no seu dia a dia, deve ser submetido à legislação em vigor, respondendo por seus atos. "Para o adulto já formado, a legislação deve punir quem age de forma violenta".

Redes sociais potencializam as manifestações de intolerância

Quem estabelece os parâmetros de certo e errado?

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A cor da pele, condição social, nacionalidade, gênero, idade, opção política e outros aspectos do indivíduo são alvos constantes da prática da intolerância nas redes sociais. Aparentemente, quem está do outro lado da tela e externa toda forma de desrespeito ao próximo se mostra mais “forte” e “capacitado” para impor o que é certo ou errado e disseminar agressões. “Mas quem estabeleceu esses dois parâmetros de certo e er-

rado?”, questionou a psicóloga clínica em terapia cognitivo-comportamental, Janaína Ferreira.

O fato de pensar ou ser diferente, por si só, relega o outro a um lugar de inferioridade, de erro, de descarte? Eis a reflexão posta à mesa. Janaína ressalta que essa militância é perigosa e negligência o equilíbrio social e a razão, dando foco exagerado a emoções como a raiva. “Quando uma pessoa conduz as coisas pela emoção, a capacidade lógica de julgamento é preju-



Foto: Pixabay

“ Quando uma pessoa conduz as coisas pela emoção, a capacidade lógica de julgamento é prejudicada, e os comportamentos são impulsivos e irracionais ”

Janaína Ferreira



Foto: Arquivo pessoal

dicada, e os comportamentos são impulsivos e irracionais. Ter equilíbrio é buscar ver os lados e abrir o campo de visão sobre o ‘certo’ e o ‘errado’”, afirmou a psicóloga.

Ela afirma que as redes sociais são um meio mais “fácil” de a pessoa expor as mensagens de ódio à diversidade, porque o autor do crime está distante, podendo se disfarçar por meio de perfis falsos. Também é um veículo ainda novo de comunicação, em que as regras e padrões de uso ainda

estão sendo construídos. Esse conjunto de fatores gera segurança ao agressor com relação ao sentimento de impunidade.

O sociólogo Alder Calado reafirma que as redes sociais têm sido usadas como espaço para a circulação do preconceito, da intolerância de gênero, orientação sexual, de geração, etnia e espacialidade. Por outro lado, o meio não é a causa desse fenômeno, mas a forma de expressão da ideologia dominante. “As redes sociais são, como sabemos, o meio através do

qual circulam valores, ideias, crenças, intolerância, ódio, preconceitos, cuja origem deve ser antes buscada no espectro societal, na própria formação social, na forma de organização econômica, política e cultural de cada sociedade”.

No campo da política, a psicóloga cognitivo-comportamental, Aracelly Marques ressalta que o foco da agressividade nos discursos é a luta desesperada pelo poder, por adquirir vantagem. “Isso está muito arraigado”.

Ausência de equilíbrio e ponderação: agressão ao próximo

Equilíbrio e ponderação são elementos que estão ausentes no discurso da pessoa intolerante, que parece não considerar o mau que faz ao agredir o próximo, gerando sequelas sociais. A coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (Acnur) e pós-doutora em Direito Internacional dos Refugiados pela Universidade de York, professora Andrea Pacheco Pacífico, ressalta que o Brasil é um país racista e que a “sociedade cordial” brasileira, caracterizada por Sérgio Buarque de Holanda (‘Raízes do Brasil’, de 1936), não existe.

“Constituições brasileiras do passado impuseram cotas para entrada de imigrantes, defendendo políticas higienistas e de embranquecimento da sociedade, especialmente no início do século XX, demonstrando o racismo do brasileiro, e valorizando a imi-

gração do branco europeu em detrimento do africano”, mencionou.

Segundo ela, a prática persiste nos dias atuais, causando segregação social, ou seja, os imigrantes tendem a residir em bairros ou ruas onde já residem outros compatriotas. Na bagagem, carregam muito mais do que a saudade e lembranças da terra natal. Entre outros sintomas dos obstáculos enfrentados na jornada estão os distúrbios psicológicos, como depressão, letargia e a “síndrome do migrante”, ou “síndrome de Ulisses” (estresse crônico e múltiplo), agravados, por vezes, pelo transtorno pós-traumático que muitos trazem do local de origem.

Ao aportarem em terras estranhas e tentarem se estabelecer, os refugiados ou mi-

grantes travam uma nova luta. Andrea Pacheco declara que os estrangeiros, especialmente aqueles cuja cor da pele é mais escura, tendem a sofrer mais no processo de integração no Brasil. As agressões são físicas, verbais e psicológicas, variando de ataques com armas brancas (facas e paus, por exemplo), armas de fogo (homicídio tentado e consumado) e incêndio, até ameaças verbais, como “volte pra seu país”, “não lhe queremos aqui”, “macacos”.

Ações desumanas como jogar bananas nas portas das residências dos estrangeiros também são praticadas. A professora conta que a intolerância não necessariamente é racial ou sutil e indireta, ocorrendo casos em que são públicas, abertas e manifestas, como candidatos a prefeitos e vereadores no Brasil

(2020), cujas plataformas políticas são publicamente contra a entrada e a estada de venezuelanos no país. “Esse Brasil racista, xenófobo e preconceituoso per-

siste nos dias atuais, em que a intolerância contra estrangeiros não brancos é cada vez mais gritante, prejudicando-os no acesso aos direitos como cidadão”.

“ Constituições impuseram cotas para entrada de imigrantes, defendendo políticas higienistas e de embranquecimento da sociedade, demonstrando o racismo do brasileiro e valorizando a imigração do branco europeu em detrimento do africano ”

Andrea Pacheco Pacífico



Foto: Arquivo pessoal

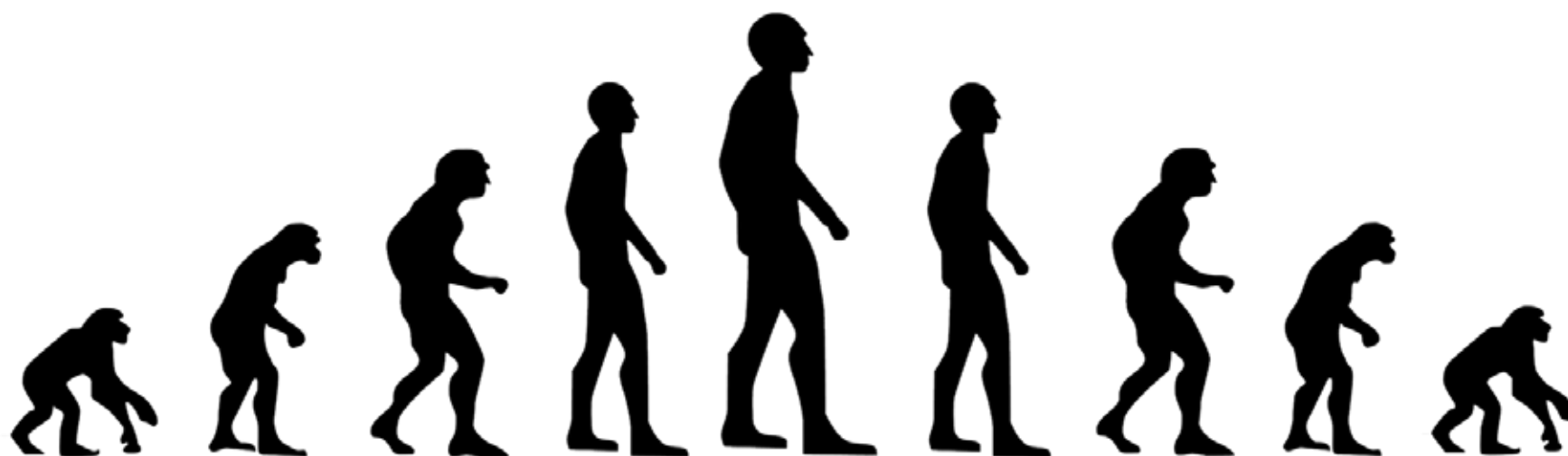
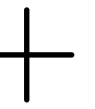


Ilustração: Pixabay

Diversidades e o processo civilizatório

“A história nos mostra que todas as civilizações se constroem usando de intolerância em certas circunstâncias. Em termos antropológicos, atribuímos à intolerância o fato de nós sermos seres primatas”

Carlos Cavalcanti



Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

O Brasil é um país repleto de diversidades. Quando elas não são aceitas geram a chamada intolerância, ou seja, a falta de reconhecimento e respeito às diferentes crenças, opiniões, origens, orientações sexuais ou culturas. De acordo com o pesquisador Carlos Cavalcanti, pós-doutor em Ciências da Religião e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), esse é um processo cultural que faz parte do processo civilizatório, o que não significa que devemos aceitar.

“Não é possível falar do processo civilizatório sem falar de intolerância. A história nos mostra que todas as civilizações se constroem usando de intolerância em certas circunstâncias. Em termos antropológicos, atribuímos à intolerância o fato de nós sermos seres primatas. Todos os primatas têm tendência à reserva de território, a distribuição do poder conforme a força, tendências exclusivistas, inclusive do ponto de vista de gênero”, analisou.

A intolerância baseada no preconceito pode levar à discriminação. Esse é assunto constante nas redes sociais, onde o ativismo virtual permitiu o crescimento de movimentos sociais (como o feminismo). Para o professor, a intolerância religiosa é um dos tipos mais comuns de discriminação do mundo contemporâneo. No entanto, no caso do Brasil, é a intolerância de gênero que se destaca, principalmente a relacionada ao ataque às mulheres e aos seus direitos.



Foto: Pixabay

Julgamento das religiões minoritárias

Para o professor Carlos Cavalcanti, no Brasil, a religião mais atacada é a dos orixás, ou seja, as tradições afro-brasileiras nas suas várias denominações: Jurema, Umbanda, Candomblé, entre outras que existem no país através da confluência religiosa entre as heranças africana, cristã e indígena. Essas crenças são, portanto, alvos tanto da intolerância subjetiva (ataque a uma pessoa em um local público ou em sua residência) quanto grupal (a destruição de terreiros, por exemplo).

“Quando falamos de Brasil, a grande dificuldade para resolver a intolerância religiosa é o fato de que há um julgamento das religiões minoritárias. Outras religiões também passam por problemas de intolerância. É o caso do Espiritismo, ainda muito objeto de recusa; e do Islamismo, que vem crescendo no Brasil significativamente e tem muitas limitações porque a mídia trata essa religião como sinônimo de terrorismo”, ressaltou o docente.

Foto: Pixabay



“Acredito que a intolerância de gênero é mais forte até que a intolerância religiosa. Mas a intolerância religiosa, inclusive, muitas vezes, se confunde com a de gênero, porque em muitos casos algum fundamentalismo religioso está na cabeça daquele que provoca a intolerância de gênero. Portanto não é possível fazer um limite perfeito entre os tipos de intolerância, pois elas possuem semelhanças”, pontuou.

O Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou que aproximadamente 87% dos brasileiros se declararam cristãos. Porém existem 40 grupos religiosos no Brasil. Assim, 64,6%

dos brasileiros se declararam católicos, 22,2% evangélicos, 2% espíritas e 0,3% seguidores da Umbanda e Candomblé.

Carlos Cavalcanti afirma que, ao mesmo tempo que a diversidade aumenta, tem crescido a discriminação. Por isso ele observa que a solução seria a inclusão de outros processos civilizatórios, como os direitos

humanos, a diversidade religiosa, o amor, a fraternidade e a harmonia. Além disso, acredita na constituição de uma cultura de paz, a partir de um conjunto de valores presentes na formação escolar, através do ensino religioso laico (livre de qualquer religião). Esses poderão dar as bases do convívio em sociedade principalmente para aqueles ainda no início da vida social.

“Não é incompatível, por exemplo, que judeus e muçulmanos convivam bem. Não é incompatível que pessoas da tradição cristã convivam bem com pessoas da religião dos orixás. A cultura de paz dentro da escola é o principal combate”, ressaltou.

Ilustração: Pixabay



Liberdade de consciência e crença não pode ser violada

A discriminação motivada pela religião é considerada crime no Brasil. O artigo 5º da Constituição Federal descreve que a liberdade de consciência e crença não pode ser violada e garante culto religioso livre para todos os brasileiros. Por isso os locais considerados sagrados, os símbolos e elementos religiosos devem ser protegidos. A Lei 9.459/2007 prevê multa e prisão de um a três anos de quem zombar ou ofender alguém por causa do credo que ela professa ou impedir e atrapalhar cerimônias religiosas. Esse tipo de crime não prescreve e não cabe o pagamento de fiança.

No entanto, o doutor em Ciências das Religiões Carlos Cavalcanti informou que o problema não é apenas o objeto quebrado, mas a destruição do processo de simbo-

lização e todas as narrativas míticas presentes naqueles materiais. “Hoje, uma determinada vertente cristã considera que tem o direito de entrar em um terreiro de tradição africana ou afro-brasileira e quebrar o que está dentro. Depois disso, uma decisão judicial pode dizer que o que foi quebrado é apenas louça, barro, madeira e obrigar o invasor a repor o objeto. Não é só repor o material, é repor também de uma forma penalizada pelo Direito, além do valor material, o valor simbólico agredido”, analisou.

Segundo o docente, a intolerância religiosa no campo da história é “o uso imemorial do fenômeno religioso, ou seja, do coração das religiões, como um instrumento de poder para excluir os outros”. Assim, é excluir aquele que não pensa como a religião intolerante ou obrigar a conversão, fazer o outro vir para a sua religião.

Já a vertente do Direito a classifica como todo ato que explora a religião alheia, isso é atacar abertamente uma crença ou seus símbolos. “No exterior, igrejas católicas foram queimadas por um grupo que considera que tem motivos históricos para queimar uma igreja. Isso é um ato típico de desrespeito ao direito à liberdade religiosa. Os católicos têm direito a terem os seus templos”, detalhou.

Para o especialista, a questão será solucionada efetivamente por meio de uma lei nacional da diversidade religiosa. “Acredito que no momento que tiver uma legislação, o ataque às religiões minoritárias, principalmente as afro-brasileiras, vai diminuir. Para o cidadão que concebe que sua religião é melhor do que a dos outros, se não consegue convencê-lo através da cultura de paz, é necessário processá-lo”, finalizou.

Uma só verdade: a do preconceituoso

Torna-se um ignorante quem não busca outras explicações diferentes da sua

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

A homofobia, segundo Adriano de Leon, professor e doutor em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é uma reação negativa às homossexualidades. Assim, há no homofóbico um sentimento de asco e desprezo em relação ao outro (gay ou lésbica). Entre as características predominantes estão o ódio ou nojo; ação violenta (seja na fala ou em atitudes físicas); e rejeição ao homossexual no convívio social.

“A intolerância sexual tem a ver com a crença limitante de que só existe a forma binária de se exercer a sexualidade, ou seja, homem e mulher. Toda expressão diferente desta é alvo de preconceitos e ações violentas”, comentou Adriano de Leon.

O sociólogo considera que o preconceito vem da ideia de que só existe uma verdade: a do preconceituoso. Com isso, ele se torna um ignorante por não buscar outras explicações diferentes da sua. “O preconceituoso também teme ser destituído pelo diferente”, completou.

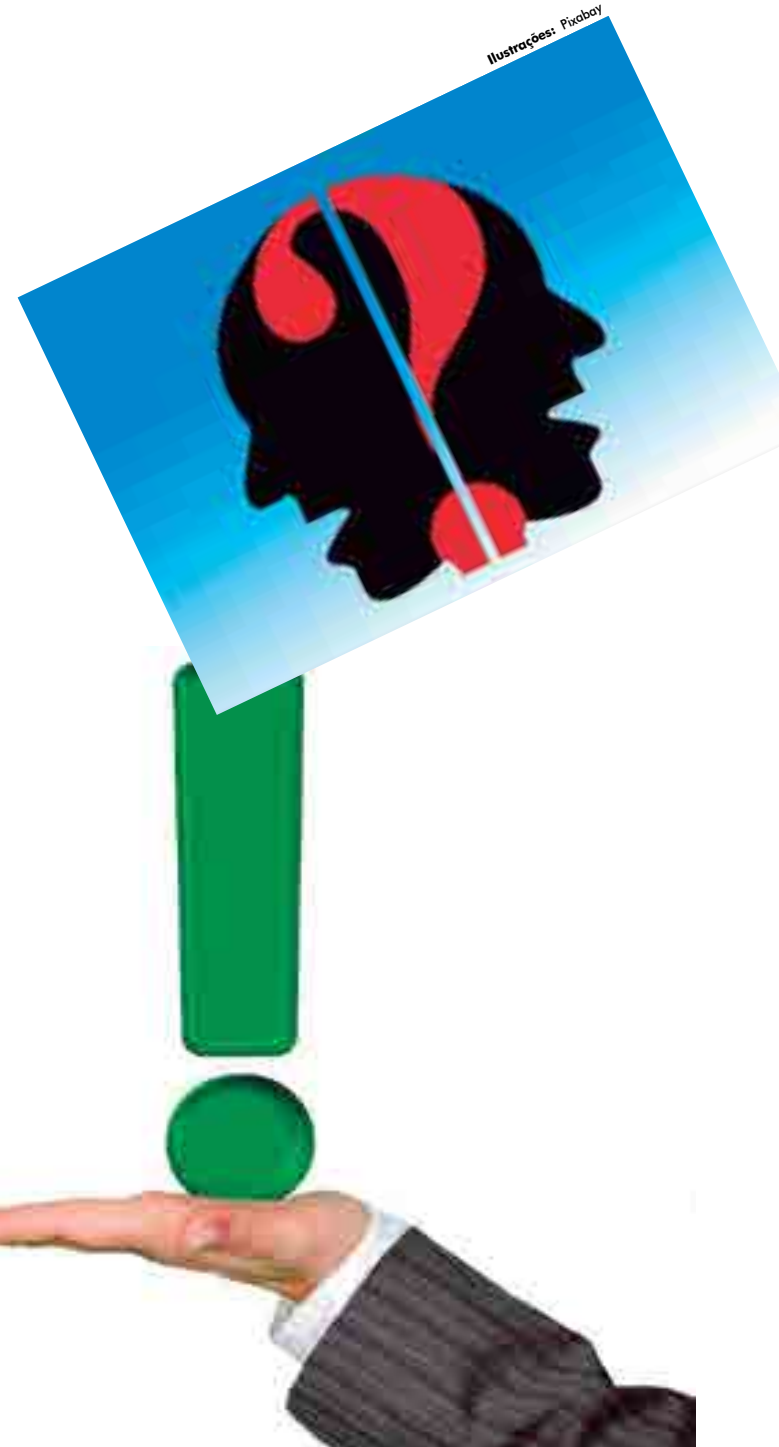
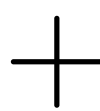
Para ele, a homofobia é combatida a partir de um grande programa educativo nas famílias, escolas e grupos sociais, além de campanhas elucidativas e resistência por parte dos grupos vulneráveis.

“A intolerância sexual tem a ver com a crença limitante de que só existe a forma binária de se exercer a sexualidade, ou seja, homem e mulher. Toda expressão diferente desta é alvo de preconceitos e ações violentas”

Adriano de Leon



Foto: Arquivo pessoal



Ilustrações: Pixabay

Machismo e misoginia

A misoginia pode ser caracterizada como ódio ou aversão pelo sexo feminino que pode ser traduzida nas práticas machistas, ou seja, opiniões e atitudes a partir da crença de superioridade da figura masculina. Segundo Érika Nicácio, ativista dos direitos humanos LGBT e coordenadora da Frente Bissexual Brasileira, a misoginia se manifesta na sociedade através de uma cultura de reproduções de papéis, inseridos na distinção entre os gêneros feminino e masculino.

“Essa característica do que é feminino e masculino é dentro de uma compreensão cisnormativa, onde a mulher é o ser que nasce com vulva e o homem é o ser com pênis e todas as compreensões de gêneros que distinguem dessas possibilidades são tidas como aberrações, que é o caso das pessoas intersexuais”, explica.

Ela considera que essa seria uma perspectiva do patriarcado e vem da educação familiar, da ideologia do estado, além dos ensinamentos velados e simbólicos das igrejas, escolas e outras instituições públicas e privadas, onde aprende-se os comportamentos. “Nesse contexto historicamente e culturalmente, a mulher e tudo o que está envolvido ao ser mulher, ao órgão genital, à sua biologia, ao útero, à menstruação, são tidos como impuros, sujos, desprezíveis, e consequentemente todas as outras coisas que estão nesse conjunto”, acrescenta.

Para ela, essa ideologia é

também justificada pela cultura heteronormativa e suas imposições e inclusive na reprodução de como o gênero masculino deve se comportar, ver e desejar o corpo feminino. Já em relação às mulheres lésbicas e bissexuais (cis ou trans), a misoginia, conforme Érika Nicácio, varia de acordo com a raça, classe social, peso, lugar de fala, deficiência, dentre outros fatores.

“A misoginia nos afeta dentro desse processo de educação machista-patriarcal, de muitas vezes negar e sentir nojo do nosso próprio corpo, cheiro, gosto, do nosso sangue. E ela não é diferente com o homem. Ele aprende que nossos corpos são atrativos para o uso quando está encaixado em determinado padrão e quando reproduz

determinadas performances de comportamento inseridas em como você se veste, em quanto você pesa, qual é a cor da sua vulva...”, analisa.

Em relação às lésbicas e bissexuais, a negação ao corpo e à sexualidade vai afetar muito mais, pois, segundo a ativista, essas pessoas podem ser apenas vistas como objetos de desejo, passando assim, muitas vezes, pelo estupro corretivo (lésbicas) ou estupro emocional.

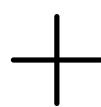
Já as bissexuais são postas no lugar de fetiche e reprodução de prazer. “Quando o corpo não é visto assim, é visto como um ponto de transmissão de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) que possui mais vulnerabilidade por ter essa possibilidade de se relacionar com outros”, esclareceu.

“A mulher e tudo o que está envolvido ao ser mulher, ao órgão genital, à sua biologia, ao útero, à menstruação, são tidos como impuros, sujos, desprezíveis, e consequentemente todas as outras coisas que estão nesse conjunto”

Érika Nicácio



Foto: Arquivo pessoal



+ Herança histórica

Para o intelectual Kabengele Munanga, o racismo é a ideologia que divide a humanidade em grandes grupos chamados raças e, assim, é a crença na existência de raças naturalmente hierarquizadas, superiores e inferiores. Dessa concepção, a raça branca (que produziu essa ideologia) concebeu o povo negro, cigano e indígena como inferiores.

A Lei 7.716/89 (Lei Caó) define duas formas de conduta: o racismo age no intuito de menosprezar, inferiorizar, de forma genética, determinado grupo étnico (coletividade – raça ou cor). O ato racista não tem um destinatário específico, a agressão é contra uma coletividade (negra, no caso). Ele é inafiançável e passivo de prisão de até três anos. A injúria, por sua vez, consiste em ofender a dignidade e o decoro especificamente de uma determinada pessoa, imputando-lhe qualidade negativa. O agressor pode pagar fiança e receber uma pena mais branda.

De acordo com o gerente executivo de Equidade Racial da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba (SEMDH), José Roberto da Silva, o racismo no Brasil é histórico e estruturante das relações sociais, cujas consequências perduram até hoje na sociedade. “O racismo é um dos tipos mais graves de intolerância, sim! Isso porque é crime conforme o Código Penal Brasileiro”, descreveu.

Para o representante da SEMDH, todo racismo é estrutural. Porém, o fato dele ser um dado da cultura e reproduzido até de forma indireta, não inocenta o agente violador. “Parafrazeando o doutor Sílvio Almeida, o racismo é estrutural porque acontece de forma visceral na sociedade e se manifesta na cultura implantada na sociedade e, daí, as pessoas e instituições o reproduzem mesmo sem se dar conta”, completou.

O profissional destaca que, assim como no Brasil, o racismo na Paraíba segue as mesmas nuances e não apresenta sinais de redução. Para ele, este tipo de discriminação continua gritante, inclusive se manifestando através da intolerância religiosa contra os terreiros de matriz afro-indígena.

Para o gerente, o problema somente será enfrentado através de muitas ações afirmativas que promovam a população negra, indígena, cigana e melhorem a sua qualidade de vida. Tais atitudes devem permitir que essas populações aproveitem com igualdade os bens culturais e riquezas que o país possui.

